

ESTUDO CADEIA DA HORTICULTURA EM ALAGOAS

Sumário

1. INTRODUÇÃO	4
1. OBJETIVO DO ESTUDO	15
1.1. Objetivos Específicos	15
2. METODOLOGIA	15
3. RESULTADOS	17
3.1. A Horticultura em Alagoas: aspectos introdutórios	17
3.2. O Caso de Arapiraca	20
3.3. Perfil das Empresas e Municípios de Atuação	21
3.4. Características Gerais das Empresas Entrevistadas	22
3.5. Estrutura Organizacional	27
.....	28
3.6. Estratégia Institucional	29
4. MERCADOS E CONCORRÊNCIA: clientes institucionais, consumidores, fornecedores, canais de vendas	34
4.1. Clientes Institucionais	34
4.2. Outros mercados	34
5. FINANÇAS	37
5.1. Indicadores de gestão financeira	37
6. INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS	39
7. DIAGNÓSTICO DO SEGMENTO	40
7.1. Fatores de Sucesso e Insucesso	40
7.2. Ações recomendadas	40
7.3. Oportunidades e Tendências para o segmento	40
8. ESTRUTURAS DE APOIO À PRODUÇÃO E PROJETOS DE APOIO AO SETOR	41
9. CONCLUSÃO	43
10.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
Grupo I Gestão e Organização.....	46
Grupo II Mercados e Vendas.....	47
6. Indicadores de Liquidez (capacidade de pagamento).....	48
ANEXO II – Sumário Estatístico da Produção Hortícola em Alagoas	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percentual de homens	22
Figura 2 -Percentual de mulheres	23
Figura 3 - Média de idade dos cooperados	23
Figura 4 - Produtos comercializados, Alface.	24
Figura 5 -Produtos comercializados, Coentro	24
Figura 6 -Produtos comercializados, Pimentão	24
Figura 7 - Produtos comercializados, Cebolinha	25
Figura 8 - Faixa de preço dos produtos comercializados	26
Figura 9 - Total da produção (ano)	26
Figura 10 -Sazonalidade da produção	26
Figura 11 - Disponibilidade de curriculum dos dirigentes	28
Figura 12 - Disponibilidade de organograma	28
Figura 13 -Definição de cargos e funções.....	29
Figura 14 -Número de empregados	29
Figura 15 - Documento de estratégia.....	30
Figura 16 -Metas: curto, médio e longo prazos.....	30
Figura 17- Rotinas estratégicas	31
Figura 18 -Faturamento médio	32
Figura 19 -Existência de sistema de gestão	32
Figura 20 - Produtos e serviços comercializados.....	33
Figura 21 -Existência de gestão ambiental.....	34
Figura 22 -Mercados de atuação.....	35
Figura 23 -Perfil dos principais consumidores.....	35
Figura 24 -Perfil dos principais consumidores.....	36
Figura 25 -Caracterização do pós-venda	36
Figura 26- Fontes de comunicação.....	37
Figura 27 -Indicadores financeiros	38
Figura 28 -Indicador de rentabilidade.....	38
Figura 29 -Indicador de rentabilidade.....	38
Figura 30 -Rentabilidade do patrimônio líquido	39
Figura 31 -Há algum programa de melhoramento genético para horticultura em seu Estado? Se sim, Qual (is)?	40
Figura 32 -Programas sociais para a atividade.....	42
Figura 33-Papel do Sebrae no setor	42

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Sebrae (2020), Horticultura é o nome que se dá à ciência que trata do cultivo de diversos tipos de plantas, sejam elas cultivadas em jardins, pomares, hortas ou estufas. A utilização dessas plantas suprem dois tipos de necessidade humana: a alimentação e a estética.

Alagoas é um estado localizado na região Nordeste do Brasil, com clima tropical úmido e predominância de vegetação de Mata Atlântica. A produção hortícola em Alagoas é diversificada e inclui uma variedade de cultivos, como hortaliças, frutas, ervas e plantas medicinais.

Alguns dos principais cultivos hortícolas em Alagoas incluem tomate, pimentão, cebola, alface, couve, abóbora, quiabo, melão, mamão, maracujá, goiaba, banana e acerola. Esses cultivos são produzidos tanto em pequenas propriedades familiares quanto em grandes propriedades comerciais.

A produção hortícola em Alagoas é favorecida pela presença de solos férteis e pelo clima quente e úmido, que permite a produção durante todo o ano. Além disso, a região conta com programas de incentivo à agricultura familiar e ao desenvolvimento rural, o que tem contribuído para o aumento da produção e da produtividade no setor hortícola.

No entanto, a produção hortícola em Alagoas ainda enfrenta desafios, como a falta de infraestrutura adequada para o escoamento da produção, a concorrência com produtos importados e a falta de assistência técnica e acesso a crédito para os produtores rurais.

A horticultura é uma atividade importante para o estado, especialmente para pequenos agricultores e para o abastecimento local de alimentos frescos. O clima do estado é propício para o cultivo de uma grande variedade de hortaliças e frutas, como tomate, batata-doce, abóbora, feijão, banana, laranja, entre outros.

Além disso, a horticultura alagoana tem se destacado pela adoção de práticas agroecológicas, com o uso de técnicas de manejo sustentável do solo e controle biológico de pragas, por exemplo. Essas práticas visam reduzir o uso de agrotóxicos e garantir uma produção mais saudável e segura para o consumo.

A produção hortícola em Alagoas é importante também para o abastecimento dos mercados locais e regionais, tanto em feiras livres como em supermercados. Ainda assim, a produção é

bastante fragmentada, com muitos pequenos produtores que enfrentam desafios para acessar mercados mais amplos e garantir preços justos para seus produtos.

Para superar esses desafios, é importante que os produtores recebam capacitação técnica, apoio para a comercialização e acesso a crédito rural. Além disso, políticas públicas que incentivem a produção agroecológica e o acesso a mercados justos também são fundamentais para o fortalecimento da horticultura no estado.

Em Alagoas, a horticultura é uma atividade bastante distribuída geograficamente, com produção em diversas regiões. Algumas das principais regiões produtoras de horticultura em Alagoas são:

1. Região Agreste: É a principal região produtora de hortaliças em Alagoas, com destaque para os municípios de São José da Laje, União dos Palmares, Limoeiro de Anadia, Arapiraca, entre outros. Nessa região, a produção é concentrada em pequenas propriedades rurais, com destaque para a produção de tomate, pimentão, cebola, alho, cenoura, cebolinha, alface, entre outros.
2. Região Sertão: Apesar do clima semiárido, a região do Sertão alagoano tem se destacado pela produção de frutas, como banana, manga, maracujá e melancia. A produção é feita em pequenas propriedades rurais e é importante para o abastecimento local e regional.
3. Região Metropolitana de Maceió: A produção hortícola na região metropolitana de Maceió é importante para o abastecimento da capital e região, com destaque para a produção de hortaliças como tomate, alface, couve, entre outros. Nessa região, a produção é realizada em pequenas propriedades rurais e em sistemas de agricultura urbana.
4. Zona da Mata: A produção de hortaliças na região da Zona da Mata de Alagoas é realizada principalmente em propriedades de agricultura familiar, com destaque para a produção de mandioca, batata-doce, inhame, entre outros.

Em geral, a produção hortícola em Alagoas é bastante diversificada e realizada por pequenos produtores rurais, o que contribui para a geração de emprego e renda no campo.

Existem diversos estudos e pesquisas sobre a horticultura em Alagoas, abordando desde aspectos técnicos de produção até questões socioeconômicas e ambientais. Alguns exemplos de estudos relevantes sobre horticultura em Alagoas são:

1. "Diagnóstico da horticultura no estado de Alagoas", publicado em 2012 pelo Sebrae Alagoas. O estudo apresenta um panorama da horticultura no estado, identificando desafios e oportunidades para o setor.
2. "Sistemas de cultivo e impactos ambientais na horticultura do agreste de Alagoas", publicado em 2019 na revista Ciência Rural. O estudo analisou os sistemas de cultivo utilizados na região do Agreste alagoano e seus impactos ambientais, abordando temas como uso de agrotóxicos, manejo do solo e gestão de resíduos.
3. "Agricultura urbana em Maceió: uma alternativa para o desenvolvimento urbano sustentável", publicado em 2016 na revista Desenvolvimento e Meio Ambiente. O estudo analisou as práticas de agricultura urbana na região metropolitana de Maceió, incluindo a produção de hortaliças e frutas em espaços urbanos.
4. "Hortas agroecológicas em assentamentos rurais de Alagoas: análise de experiências no município de São José da Laje", publicado em 2014 na revista Agriculturas: experiências em agroecologia. O estudo apresentou experiências de produção agroecológica em assentamentos rurais na região do Agreste alagoano, abordando temas como diversificação de cultivos e gestão de recursos naturais.

Esses são apenas alguns exemplos de estudos relevantes sobre a horticultura em Alagoas. Há diversas outras pesquisas e iniciativas relacionadas ao setor, que contribuem para o desenvolvimento sustentável da agricultura no estado.

A DINÂMICA DA HORTICULTURA E SUA IMPLANTAÇÃO NO BRASIL

A horticultura é conceituada como a ciência e a arte de cultivar frutas, hortaliças, flores e plantas ornamentais, plantas medicinais, aromáticas e condimentares, com objetivos diversos: desde a conotação artística ou terapêutica e anti-estress, até uma atividade econômica diferenciada e com valor adicionado para o consumidor final.

Em geral, os produtos hortícolas são comercializados predominantemente *in natura* ou minimamente processados e tem forte apelo visual, tornando o consumidor um elo importante das cadeias produtivas. Sob os pontos de vista comercial e econômico, a horticultura pode ser resumida como uma atividade agrícola e tecnológica que utiliza espécies de cultivo intensivo que

demandam grande investimento por unidade de área. Por essa razão, os produtos da horticultura costumam ter alto valor agregado.

Contemporaneamente, destaca-se o papel que a horticultura desempenha no bem-estar humano como fonte de saúde e lazer. Outra característica essencial da horticultura relaciona-se com os benefícios nutricionais das hortaliças e das frutas, cuja importância vem sendo amplamente demonstrada em pesquisas científicas, como fator crucial para uma dieta saudável.

Segundo estudo recente do segmento produzido pelo Sebrae/AL (2020), a partir da década de 1940, estabeleceram-se programas públicos de melhoramento de hortaliças. Outras conquistas incluem os 44 cultivares de hortaliças que impactaram as respectivas cadeias produtivas, incluindo tomate, alface, alho, cebola, brócolis do tipo ramoso, morango, quiabo, pimentão, pimenta e repolho. Ainda na década de 1940, foram iniciados os programas de melhoramento de morango, alho, cebola e brássicas (brócolis, couve-flor e repolho). As pesquisas se intensificaram a partir de 1960, quando os programas de quiabo (1961), pimentão e pimenta (1961), tomate (1962) e alface (1968) foram delineados e suas atividades passaram a ser executadas.

O setor da horticultura no Brasil destaca fatores que auxiliam o seu desenvolvimento e progresso. Entre esses fatores estão: a promoção comercial, preço e concorrência, selos e certificações, logísticas, diversificação de produto, tecnologia, agregação de valor, padronização do produto, associativismo e canais de comercialização, além de agentes como os agricultores familiares e as cooperativas e associações de produção.

A produção em larga escala da horticultura está diretamente relacionada com o comércio, ou seja, a venda dos produtos sem contar o consumo próprio dos horticultores e familiares. Para a economia, o setor da horticultura se tornou importante devido a estabilidade que deu para a agricultura em manter vendas e mercados abastecidos no Brasil. Mais recentemente, a atividade conta com as chamadas fazendas verticais, que são a produção de folhosas e outros tipos de cultura, em ambiente controlado e de alta tecnologia de produção incorporada. Esta nova concepção de produção tem viabilizado fortemente a agricultura periurbana, que reduz a pegada

ecológica do transporte via terrestre, além de viabilizar alimento fresco para a população urbana, todos os dias da semana.

A Horticultura orgânica tem apresentado destaque no cenário nacional. Cada vez mais pessoas estão optando por uma alimentação orgânica, rica em nutrientes, proteínas e complementos alimentares. Por isso, a plantação de hortaliças em hortas caseiras tem se tornando mais frequente, uma vez que a ausência de agroquímicos é garantida. Segundo o decreto nº 6.323, de 27/12/2007 que regulamenta a Lei nº 10.831, de 23/12/2003, conhecida como a Lei dos Orgânicos, define o sistema orgânico de produção como aquele que contribui para o desenvolvimento local, social e econômico que sejam sustentáveis. Adicionalmente, na agricultura orgânica não é permitido o uso de substâncias que coloquem em risco a saúde humana e o meio ambiente. Ou seja, não podem ser utilizados fertilizantes sintéticos solúveis agrotóxicos e transgênicos (KORIN, 2015).

Os principais objetivos dos sistemas orgânicos são:

1. Ofertar produtos saudáveis isentos de contaminantes intencionais.
2. Preservar a diversidade biológica dos ecossistemas naturais e a recomposição ou incremento da diversidade biológica dos ecossistemas modificados em que se insere o sistema de produção.
3. Incrementar a atividade biológica do solo.
4. Promover um uso saudável do solo, da água e do ar, e reduzir ao mínimo todas as formas de contaminação desses elementos que possam resultar das práticas agrícolas.
5. Manter ou incrementar a fertilidade do solo no longo prazo.
6. Reciclar resíduos de origem orgânica, reduzindo ao mínimo o emprego de recursos não renováveis.
7. Basear-se em recursos renováveis e em sistemas agrícolas organizados localmente.
8. Incentivar a integração entre os diferentes segmentos da cadeia produtiva e de consumo de produtos orgânicos e a regionalização da produção e comércio desses produtos.
9. Manipular os produtos agrícolas com base no uso de métodos de elaboração cuidadosos, como propósito de manter a integridade orgânica e as qualidades vitais do produto em todas as etapas.

O Brasil está se consolidando como um grande produtor de alimentos orgânicos. Já são,

aproximadamente, 17 mil propriedades certificadas em todas as unidades da federação. A maior parte da produção é oriunda de pequenos produtores.

A Região Sul vem à frente, com pouco mais de seis mil produtores, seguida das regiões Sudeste e Nordeste com cerca de quatro mil produtores. Os estados que se destacam em número de produtores são: Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Pará, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Ceará e Bahia.

Uma pesquisa realizada pelo Sebrae (2018) mostra que 63% são produtores exclusivos de orgânicos e 25% trabalham essencialmente com produtos orgânicos. Estima-se que cerca de um milhão de hectares é cultivado organicamente no Brasil e que os principais produtos são: frutas, hortaliças, raízes, tubérculos, grãos e produtos agroindustrializados.

A produção e o consumo de produtos orgânicos têm crescido sobremaneira no Brasil e no mundo. O mercado mundial passa de 80 bilhões de dólares e o nacional, de 3 bilhões de reais por ano, segundo uma pesquisa realizada em 2018 pelo SEBRAE com 1.142 atores da cadeia produtiva de orgânicos no Brasil. Entre os respondentes, 68% são produtores rurais principalmente produtores de frutas (72%) e hortaliças (64%). A grande maioria está organizado em associações ou cooperativas (69%) e os canais de venda mais utilizados por eles são as vendas diretas ao consumidor (72%) e as feiras (55%).

Os principais desafios identificados pela pesquisa Organis (2017) com produtores orgânicos realizada pelo Sebrae (2018) são: insumos apropriados para a produção orgânica; comercialização; assistência técnica; logística; certificação; distribuição e gestão.

De acordo com a lei, para que um produto seja comercializado como orgânico, precisa ter sua conformidade avaliada. Essa avaliação pode ser realizada de três formas: por auditoria, sistema participativo ou controle social. Tanto o processo por auditoria quanto aquele pelo sistema participativo permitem o uso do selo de produto orgânico. Já o controle social está restrito aos agricultores familiares organizados em grupo e para venda direta aos consumidores, o que inclui programas de compras públicas de alimentos.

Embora parte da sociedade opte por plantar suas próprias hortaliças, grande parte da população ainda prefere a praticidade de adquiri-las em feiras livres e supermercados, ou

mercadinhos de bairros. Essa procura por um consumo mais saudável tem feito a comercialização do setor crescer ao longo dos anos, aumentando a produção.

Conseqüentemente, o emprego do homem no campo tem aberto oportunidades para os novos horticultores. Assim, a possibilidade de avanço a partir da diversidade da agricultura familiar tem chamado a atenção para as atividades no agronegócio. No entanto, os produtores precisam focar em meios que sustentem a produção e garantam a qualidade contínua. Dessa forma, fatores ambientais como chuvas em excesso, períodos de estiagem e baixas temperaturas; novas soluções para o desenvolvimento tecnológico no campo; sustentabilidade estável; e custo de produção são fatores a serem observados para manter a alta produtividade na horticultura. Outro fator importante para a produção do setor é o desenvolvimento da genética dos produtos. Este fator faz com que a busca por produtos específicos seja mais intensa, ou seja, gera maior reconhecimento e credibilidade da sua qualidade.

Assim como outros setores da agricultura brasileira, a horticultura vive um momento de transformação, com a introdução de novas técnicas e tecnologias que estão potencializando os resultados de produtores de todos os portes. Diferentemente de uma lavoura de grãos, como soja e milho, em que as máquinas já predominam e boa parte do trabalho é mecanizado, nas hortas e pomares ainda existe muito trabalho manual. Mas a expectativa é que isso mude nos próximos anos, já que esses equipamentos estão cada vez melhores e mais acessíveis.

Portanto, a horticultura ligada à agricultura garante retorno constante para a economia do Brasil quando planejada e executada corretamente. Assim, os benefícios correspondem não somente ao lucro do comércio, mas também a alimentação saudável e balanceada da população.

Na horticultura, o volume da produção não é tão elevado como nos grãos, mas o valor agregado em cada hectare é alto. Por outro lado, o custo para cultivar também é maior e o manejo, mais complexo.

A perecibilidade dos produtos da horticultura impacta consideravelmente a produção, já que não é possível estocar a colheita por muito tempo. Na olericultura, por exemplo, que engloba todas as hortaliças, um dos grandes desafios é a logística para levar o produto o mais rápido possível para a mesa do consumidor final. Daí que se torna cada vez mais atrativo o investimento em novas tecnologias como as já mencionadas fazendas verticais. Outra

tecnologia interessante para o setor são os chamados “invernadores” ou agricultura protegida. A referida tecnologia não é novidade e promove um forte aumento de produtividade, permitindo o cultivo de algumas culturas não originárias de determinada região. Para tanto, é necessário investimento em planejamento da produção e conhecimento do mercado e sua demanda – além, é claro, da disponibilidade de crédito para a atividade.

Também por isso, muito da produção na horticultura parte de produtores menores, mas que estão em localizações estratégicas, seja pela proximidade com grandes centros urbanos, seja pela facilidade de transporte.

COMERCIALIZAÇÃO E CONSUMO DE HORTALIÇAS E O IMPACTO RECENTE DA PANDEMIA DA COVI-19

As hortaliças, sem dúvida, são importantes fontes de vitaminas, sais minerais, fibras e antioxidantes. Apesar das recomendações dos órgãos nacionais e internacionais, como o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS), respectivamente, o consumo de hortaliças em nosso país permanece bem abaixo dos valores diários preconizados por essas instituições. Isso pode estar associado a vários aspectos, dentre eles os econômicos (poder de compra), sociais (facilidade de acesso) e culturais (costume, região etc.). Em relação aos aspectos econômicos, observa-se geralmente que, com a melhoria na renda da população no país, a tendência é que o consumo de hortaliças também aumente.

O mercado brasileiro de hortaliças é altamente diversificado e segmentado, com dezenas de olerícolas sendo comercializadas e consumidas nas diferentes regiões do país, embora o volume da produção tenha se concentrado em poucas espécies, como alface, batata, cebola, cenoura, melancia e tomate. A produção de grande parte do volume comercializado das hortaliças no Brasil é realizada por pequenos agricultores, geralmente denominados como agricultores familiares.

A comercialização desses produtos é feita em diferentes canais, como as centrais de distribuição (CDs) das grandes redes de supermercados, mercados menores, sacolões, feiras livres, restaurantes e/ou nas centrais de abastecimento (Ceasa, Ceagesp, etc.). O setor varejista tem se mostrado como um dos principais canais de distribuição de hortaliças, sendo que os supermercados constituem o principal canal nas áreas metropolitanas. Nesta crise causada pelo novo coronavírus, observou-se um aumento expressivo na procura por

hortaliças nos supermercados, já que os consumidores buscam também, nas suas idas em menores frequências às compras, outros produtos de alimentação e higiene.

Outra parte da comercialização das hortaliças é por meio das compras públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), geralmente privilegiando os agricultores familiares. Com a crise causada pela pandemia, essas formas de comercialização foram afetadas. As compras pelo PAA, em muitos casos, foram reduzidas nesse período, entretanto, já havia sido observada a redução, nos últimos anos, dos investimentos totais nessa política pública. Aqueles que comercializam pelo PNAE têm enfrentado dificuldades de comercialização, uma vez que as escolas foram fechadas, ainda que várias prefeituras tenham direcionado parte das entregas para hospitais, asilos e creches. Também se pode verificar algumas ações de órgãos governamentais para auxílio a esses produtores, minimizando assim, os efeitos negativos da pandemia no setor. Uma delas foi a Lei 13.987/2020, que autoriza a distribuição de alimentos adquiridos pelo PNAE às famílias dos estudantes da rede pública durante o período de suspensão das aulas. Muitas das crianças de famílias mais pobres têm acesso às hortaliças principalmente nas escolas, e com o cancelamento das aulas, certamente o consumo de hortaliças por essas crianças foi drasticamente reduzido. Vale salientar que em suas residências, as hortaliças raramente fazem parte da dieta alimentar dessas famílias carentes.

Para aqueles produtores e/ou intermediários que atuavam no fornecimento para as feiras livres, os prejuízos foram consideráveis, uma vez que alguns estados suspenderam o funcionamento das feiras, ainda que temporariamente, neste período de pandemia. Produtores de hortaliças folhosas, notadamente a alface, por ser um produto mais perecível, foram muito prejudicados, já que a comercialização diminuiu principalmente nas feiras livres, onde esse produto é um dos mais comercializados.

Sabe-se que o funcionamento das feiras livres contribui significativamente para a receita de pequenos e médios produtores, principalmente aqueles que têm nas mesmas o principal canal de comercialização. Para esses e demais produtores, a busca por novas formas de alternativas de comercialização como a entrega de produtos utilizando delivery, drive-thru ou take-out foi a solução encontrada para escoar parte da produção. Assim, a feira como tradicional ponto de encontro, passa a ser flexibilizada, com locais e horários para a distribuição dos produtos são previamente acordados entre vendedores e consumidores.

A utilização de mídias digitais, por meio do celular, com o emprego principalmente do

WhatsApp e, em menor escala o Instagram e o Facebook, tem sido, sem dúvida, uma grande aliada desses produtores, mantendo assim, um acordo de negócio nesses pequenos circuitos, ou mesmo articulando essa aproximação entre os produtores e os consumidores, facilitando o fluxo de produtos. Outras medidas de apoio à comercialização das hortaliças também foram implementadas, a exemplo da Feira Segura, um projeto do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/CNA) para estimular a realização de feiras livres em todo o país, seguindo as orientações da OMS quanto aos cuidados em relação ao novo corona vírus.

A entrega de hortaliças mais frescas e de origem conhecida, assim como uma oportunidade de uma maior aproximação entre produtores e grupos (associações ou cooperativas) com os consumidores, também foram algumas características observadas durante esta crise em algumas regiões do país. O apelo por parte de consumidores mais esclarecidos para aquisição de produtos oriundos da agricultura familiar e/ou de produtores locais também foi evidenciado durante a pandemia.

A crise causada pelo novo corona vírus tem impulsionado, em algumas regiões, o consumo de produtos sem agrotóxicos, principalmente para aquelas pessoas de maior poder aquisitivo. Assim, acredita-se que esta crise possa abrir de novo a discussão em torno da importância de um consumo e de uma agricultura mais sustentáveis. A comercialização de produtos orgânicos pode apresentar uma pequena vantagem em relação aos produtos convencionais, uma vez que está organizada com um grupo de consumidores, não necessariamente em relação à renda, e tende a uma maior aproximação nessas redes já consolidadas e estruturadas, que remetem a um apelo para um produto com qualidade superior, além do maior zelo, melhor manipulação etc., ou seja, um maior carinho na relação com o consumidor. Esses produtores orgânicos, geralmente pequenos, comercializam seus produtos em feiras, quiosques etc., e nesse sentido, após o fechamento desses locais, houve, sem dúvida, uma perda na comercialização. Com o aumento da atividade do delivery por parte desses pequenos produtores, as vendas voltam a se normalizar. Um outro mercado que deverá crescer é aquele de produtos higienizados e processados, no qual a preocupação com a segurança do alimento é cada vez mais ressaltada. Produtos acondicionados em embalagens adequadas, em substituição aos produtos a granel expostos nas gôndolas dos mercados, devem ser priorizados para um público de maior exigência e poder aquisitivo.

Aqueles produtores que têm parte de sua produção direcionada a restaurantes e lanchonetes também viram suas vendas caírem vertiginosamente, mesmo que em alguns desses estabelecimentos houvesse a opção de delivery para os seus pratos. Os restaurantes do tipo

self - service proporcionam, para a maioria da população, uma refeição mais barata, sendo que os consumidores têm, nesse tipo de refeição, a oportunidade de um maior acesso à diversidade de hortaliças.

Com as pessoas cozinhando por mais vezes em casa, neste período de isolamento social, é possível que a versatilidade de hortaliças no prato diário tenha sido bem menor que aquela obtida fora de casa. Mesmo assim, para atender à demanda das pessoas em casa, observa-se um aumento expressivo de vendas das hortaliças nas redes de supermercados. Nesses locais, produtos de melhor qualidade, com melhor classificação e sem defeitos aparentes, são exigidos rotineiramente e, assim, aqueles produtores que fornecem hortaliças de qualidade inferior (sem classificação, com defeitos etc.), não conseguiram comercializar seus produtos por esta via. Tais produtores certamente foram os mais prejudicados, uma vez que geralmente forneciam para outros clientes, como restaurantes, feiras etc., e encontraram dificuldades nas entregas já que esses locais foram fechados. No início da pandemia, após o fechamento destes estabelecimentos, assim como o menor movimento observado nas Centrais de Abastecimento e CDs, houve uma forte retração nas vendas, com algumas sobras de produtos; parte das hortaliças foi perdida nas propriedades e na comercialização, e parte doada à Banco de Alimentos e outras instituições filantrópicas, sendo que a partir daí os produtores tentaram se adequar na sua produção.

Independente da crise causada pelo novo corona vírus, observa-se nos últimos anos que o mercado de hortaliças tem sofrido grandes mudanças, nas quais o consumidor, principalmente aquele de maior poder aquisitivo, tem buscado mais conveniência na aquisição e no preparo de hortaliças. Por exemplo, produtos minimamente processados como o mix de hortaliças higienizadas e embaladas, prontas para consumo imediato; hortaliças de tamanho reduzido, como as mini melancias sem sementes, os mini tomates ou as mini cenouras (demandas de famílias com menor número de pessoas e/ou uma maior conveniência, como snacks etc.); hortaliças padronizadas e acondicionadas em embalagens; produtos com marcas contendo informações nutricionais e/ou receitas para preparo; produtos orgânicos, etc. Vale salientar que as hortaliças embaladas, na maioria das vezes, garantem uma maior qualidade no momento da compra e evitam desperdícios, já que o consumidor manuseia menos os produtos.

Dentre as tendências e/ou mudanças observadas nos últimos anos, e agora fortalecida com esta crise do novo corona vírus, está a compra online de hortaliças e delivery. A utilização das redes sociais, como descrito anteriormente, também será uma importante ferramenta para

comercialização, inclusive para produtores e fornecedores terem o feedback instantâneo das reações dos consumidores em relação às hortaliças adquiridas. Cuidados com a origem e a sanidade das hortaliças também receberão uma maior importância por parte dos consumidores mais informados, e a rastreabilidade e a segurança do alimento aparecerão, cada vez mais, como uma exigência por parte dos consumidores em relação à origem e boas práticas agrícolas na produção, garantindo no final da cadeia produtos de melhor qualidade para o consumo.

1. OBJETIVO DO ESTUDO

O objetivo geral do estudo proposto foi investigar a atividade da horticultura no Estado de Alagoas, conhecer os principais elos de sua cadeia produtiva, e como os atores produtivos se relacionam com o mercado, com o setor crédito e com os agentes governamentais para o escoamento de sua produção e para a geração de renda e ocupação no meio rural e urbano.

1.1. Objetivos Específicos

- Analisar as tendências e oportunidades futuras de mercado
- Levantar os principais produtos e/ou serviços e suas características;
- Apontar as principais empresas e grupos participantes do mercado;
- Evidenciar os principais nichos que compõem o mercado;
- Verificar a representatividade econômica do segmento (participação na economia local, estadual, nacional e mundial);
- Investigar a cadeia produtiva, cadeia de valor, canais de distribuição e fornecedores de produtos;
- Descrever os clientes, suas características, comportamentos e critérios de compra;
- Identificar novos entrantes representativos para o mercado;
- Localizar produtos substitutos diretos e indiretos;
- Indicar os principais gargalos do segmento.

2. METODOLOGIA

O estudo foi conduzido em duas etapas, sendo a primeira referente a coleta de dados secundários junto sobre a Horticultura a nível nacional, estadual e municipal e a segunda etapa com entrevistas com presidentes de cooperativas, bancos, secretários de agricultura e outros agentes integrados a atividade em Alagoas.

Na primeira etapa, foram consultados portais oficiais sobre a atividade hortícola, como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o DataSebrae, Secretarias de Agricultura do Estado dos municípios envolvidos, além de estudos produzidos anteriormente pelo Sebrae e pelo governo do estado.

Posteriormente, foram conduzidas entrevistas estruturadas, a partir de questionário (anexo I) elaborado previamente pelo Sebrae/AL. O referido questionário foi estruturado para captar as principais informações organizacionais das cooperativas e agentes entrevistados, seu cadastro atualizado. As informações foram coletadas em quatro grandes grupos. No grupo I, procurou-se identificar as principais informações referentes ao bloco gestão e organização, como: existência de planejamento estratégico formal; organograma; planos de ação, e outras questões. No grupo II, foram feitos questionamentos sobre mercados e vendas. Neste conjunto de dados os agentes foram questionados acerca dos mercados de atuação, principais produtos comercializados, volumes de produção e vendas, estratégias de ampliação de mercado, listas de potenciais compradores etc. No grupo III buscou-se saber mais a respeito das finanças e contabilidade. Foram coletadas informações sobre: planejamento financeiro; contabilidade gerencial; existência de indicadores financeiros; disponibilidade de crédito etc. E no grupo IV, as informações a serem coletadas faziam referência à cadeia produtiva e seus atores principais. O objetivo dos questionamentos neste grupo foi o de coletar informações acerca do ambiente empresarial e institucional, como: disponibilidade de pesquisa e tecnologia; atores creditícios; existência de políticas públicas; acesso a recursos públicos; qualificação dos agentes etc.

Depois da coleta de dados foi organizado o banco de dados com todas as informações classificadas de acordo com os grupos do questionário. Foram confeccionados gráficos e painéis disponibilizados ao longo do texto e nos anexos do presente relatório. Na sequência, procedemos às análises qualitativas com a correlação de variáveis, para uma melhor compreensão de todo o material coletado.

Por fim, realizamos o relatório final onde construímos a conclusão e propusemos uma série de ações para a melhoria do segmento analisado. As sugestões são apenas sinalizações iniciais no nível dos agentes produtivos e no nível das instituições, normas, crédito e outros temas relevantes para o incremento de produtividade da horticultura em Alagoas.

3. RESULTADOS

3.1. A Horticultura em Alagoas: aspectos introdutórios

Alagoas, e principalmente a região do agreste, apresentam grande potencial para a ampliação da produção de produtos derivados da horticultura. A atividade já é uma realidade no estado e o caso de Arapiraca, como relatado na sequência, é rico em informações que podem ser difundidas para outras regiões.

A região do agreste alagoano conta com mais de 456 mil ha de áreas plantadas com lavouras temporárias, e com mais de 49 mil ha de lavouras permanentes (tabelas 1 e 2). Este fato já apresenta um grande potencial de crescimento para a horticultura, com possibilidades de emprego de mão de obra formal em seus cultivares. O grande potencial econômico da horticultura, representado em valores da produção (tabela 1), é um atrativo para o incremento de sua complexidade, com a inserção de outras atividades de pesquisa e desenvolvimento e a produção de mudas para outros estados.¹

Tabela 1 -Lavouras temporárias no Agreste de Alagoas, 2021

Produto das lavouras temporárias no Agreste alagoano (2021)					
UF e Mesorregião	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	456.889	417.743	2.740.069
Agreste Alagoano	69.312	59.371	358.789

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário - <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1612#resultado>

¹ Para uma visão mais abrangente das culturas hortícolas do estado, inserimos tabelas referentes às principais atividades por mesorregião, área plantada e valor da produção.

Tabela 2 -Produto das lavouras permanentes no Agreste de Alagoas, 2021

Produto das lavouras permanentes no Agreste alagoano (2021)					
UF e Mesorregião	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	49.202	49.189	664.822
Agreste Alagoano	2.189	2.189	368.28

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário - <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613#resultado>

Ainda com relação ao agreste, a região conta com mais de 7.700 estabelecimentos que trabalham diretamente com a horticultura, resultando em mais de 66 milhões em termos de produção. A região do agreste alagoano, como se sabe, é caracterizada por minifúndios e pela agricultura familiar em sua grande maioria.

Durante muito tempo – com ênfase para as décadas de 1970 e 1980 –, a região do agreste teve sua agricultura fortemente direcionada para a cultura do fumo. Essa cultura gerou grande parte da riqueza naquela região, uma vez que o destino principal dos produtos gerados era a exportação – seja diretamente para outros países – como Cuba, seja para outras regiões, como o Rio Grande do Sul.

As campanhas antitabagistas foram cruciais para a diminuição do plantio e comercialização do fumo na região do agreste. O início dos anos 1990 marcou o declínio da atividade e a consequente diversificação da produção. O resultado deste processo é a existência do grande número de estabelecimentos focados na produção de alimentos (tabela3).

Tabela 3 -A horticultura no Agreste alagoano, 2017

Dados sobre a Horticultura no Agreste alagoano - CENSO AGROPECUÁRIO (2017)					
UF	Número de estabelecimentos agropecuários com horticultura (Unidades)	Quantidade produzida na horticultura (não se aplica)	Quantidade vendida de produtos da horticultura (não se aplica)	Valor da produção da horticultura (Mil Reais)	Valor da venda de produtos da horticultura (Mil Reais)
Alagoas	7.733			66.295	61.532

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário - <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6954#resultado>

A tabela 4 abaixo apresenta a produtividade das principais culturas produzidas na região do chamado cinturão verde de Arapiraca. A origem da horticultura como fonte da diversificação da atividade fumageira, produziu uma especialização primordialmente focada nas chamadas folhosas.

Tabela 4 -Produtividade da Cadeia da Horticultura – culturas selecionadas, 2020

Dados Produtivos da Cadeia da Horticultura - Arapiraca/AL - Fev. 2020		
Culturas	Produtividade Kg/ha	% total cultivado
Coentro verde	8.000	40
Alface	56.600 a 76.800	35
Cebolinha verde	28.800 a 36.600	15
Couve folha	---	10
Pimentão	25.000	Não se aplica
Tomate	55.000 a 60.000	Não se aplica
Outras*	---	Não se aplica

Fonte: SEBRAE (2020) - A cadeia produtiva da Horticultura

Porém, como já mencionado anteriormente, há um grande potencial para uma nova diversificação para outras culturas, principalmente quando observamos as atuais condições naturais e mercadológicas para tal. Do ponto de vista do mercado, podemos afirmar que os produtos resultantes das atividades hortícolas têm demandas cada vez maiores nos centros urbanos, principalmente para produtos livres de agrotóxicos.

O consumo de hortaliças (incluindo aí as frutas, legumes e vegetais) ainda é muito baixo no Brasil. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU) definiram que o ideal para uma dieta saudável é que as pessoas consumam, no mínimo, 400 gramas de frutas ou hortaliças por dia.

Essa recomendação faz parte de uma estratégia integrada da FAO/ONU para promover um maior consumo de frutas e verduras e, assim, reduzir o impacto da má alimentação na saúde da população mundial.

O relatório Cenário Hortifruti 2018, da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas), aponta

que o Brasil é o terceiro maior produtor de frutas do mundo. Entretanto, essa grande produção não parece estar refletida no consumo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF), o consumo per capita no Brasil é de 57 kg/ano, enquanto o da Espanha é de 120 kg/ano, o da França, 114,8kg/ano, o da Itália, 114 kg/ano, e o da Alemanha, 112 kg/ano. E a FreshFel, associação europeia de produtos frescos, diz que a média europeia é de 129 kg de frutas e hortaliças por ano².

3.2. O Caso de Arapiraca

São cerca 800 produtores na região do agreste que deixaram a cultura do fumo para se dedicar a produção de alface, coentro, cebolinha, entre outros produtos.

Com a implantação do Arranjo Produtivo Local (APL) Horticultura no Agreste, em 2008, a produção de hortaliças ganhou força na região e conduziu o Estado à autossuficiência. Passados dois anos, praticamente 100% das verduras consumidas em Alagoas continuavam sendo fornecidas por agricultores familiares alagoanos.

Para garantir o fortalecimento da produção, o APL Horticultura no Agreste capacitou mais de 200 produtores através de cursos, assistência técnica e implementação de projetos em parceria com prefeituras e órgãos como o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e Secretaria de Estado da Agricultura (Seagri).

O APL fez parte do Programa de Arranjos Produtivos Locais (PAPL) do governo do Estado, coordenado pela Secretaria de Estado do Planejamento e do Orçamento (Seplan) e pelo Sebrae de Alagoas. O grande desafio foi trabalhar e desenvolver a agricultura familiar, foram executadas ações de capacitação, direcionadas à diminuição e uso correto de agrotóxicos, ao fornecimento de informações e práticas alternativas de controle de pragas e doenças, à gestão das pequenas propriedades rurais e o incentivo ao associativismo e cooperativismo.

Uma atividade desenvolvida neste programa foi a produção de hortaliças orgânicas, em Arapiraca. Para a consolidação desses produtos no mercado, o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento tem estimulado o consumo entre a população através de campanhas

² Informações disponíveis em: <https://plataformahidroponia.com>

educativas. A proposta foi, além de incentivos em produção e rentabilidade, mas também na mudança de mentalidade e cultura na vida do agricultor e dos consumidores para este segmento. Além de Arapiraca, fez parte do APL Horticultura no Agreste, produtores dos municípios de Feira Grande, Lagoa da Canoa, Taquarana, Limoeiro de Anadia, São Sebastião e Junqueiro.

Contudo, é em Arapiraca que podemos encontrar a maior parte destes pequenos produtores de hortaliças, onde é possível encontrar hortas repletas de vários tipos de alface, coentro e cebolinha, que são colhidos e vendidos diariamente.

Atualmente, segundo dados da Secretaria Municipal De Desenvolvimento Rural, da Prefeitura de Arapiraca, na região chamada de cinturão verde, encontra-se cerca de 600 produtores de hortaliças, com uma área média de 3,3 tarefa de terra (9.980 m²) por produtor.

Esta produção está sendo comercializada em feiras livres na cidade de Arapiraca e região circunvizinha, além do sertão e zona da mata, em quitandas e mercadinhos, na Central de Abastecimento de Maceió, no Mercado Público e Arapiraca e através de compradores intermediários — atravessadores.

3.3. Perfil das Empresas e Municípios de Atuação

Conforme apresentado na metodologia, o presente estudo contempla dados secundários e dados primários. Para a obtenção dos dados primários, foram selecionadas 12 (doze) cooperativas de produção, nas regiões do agreste e sertão, para verificar as características principais dos produtores e das empresas existentes. A demanda para essas regiões contempla duas questões principais: i) verificar as características das cooperativas da agricultura familiar filiadas à União Nacional das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes) e ii) vislumbrar a possibilidade de ampliação da atividade para além da região do agreste alagoano.

A forma de organização em cooperativas é importante por representar uma grande quantidade de produtores com características de produção semelhantes, além de apresentarem problemas muito parecidos. O diagnóstico agregado pode ajudar, portanto, na construção de ações conjuntas para a resolução das principais dificuldades.

As cooperativas e os municípios pesquisados estão listados no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Cooperativas da Agricultura Familiar de Alagoas

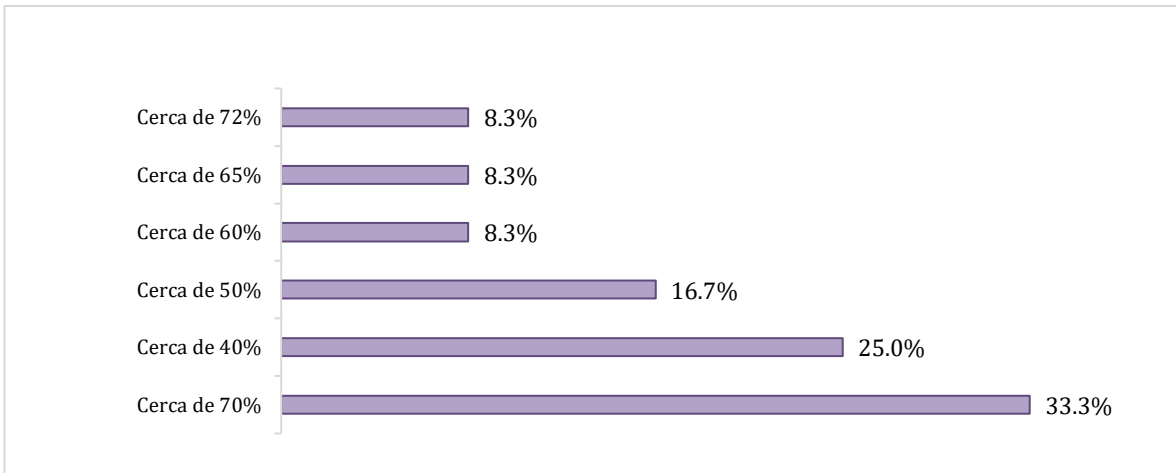
Cooperativa	Município
CAEF – COOPERATIVA DOS PRODUTORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA FAMILIAR	Inhapi
CAFISA – COOPERATIVA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DO SERTÃO DE ALAGOAS	Pão de Açúcar
COOPCAF – COOPERTIVA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR	São José da Tapera
CPLA – COOPERATIVA DE PRODUCAO LEITEIRA DE ALAGOAS LTDA	Batalha
COOPABACS – COOPERATIVA DE PEQUENOS PRODUTORES AGRÍCOLAS DOS BANCOS COMUNITÁRIOS DE SEMENTES	Delmiro Gouveia
COOPAZ – COOPERATIVA AGROPECUARIA DE PRODUTORES DE LEITE FAMILIAR DA BACIA LEITEIRA DE ALAGOAS	Batalha
COOPERBONI – COOPERATIVA DE TRABALHO DOS PRODUTORES DO BONIFACIO LTDA	Palmeira dos Índios
COOPASIL – COOPERATIVA DOS CRIADORES DE PEQUENOS ANIMAIS DE SANTANA DO IPANEMA-AL	Santana do Ipanema
COOPCAM – COOPERATIVA MISTA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO CAMPONESA DO ESTADO DE ALAGOAS	Palmeira dos Índios
COOPEAPIS – COOPERATIVA DOS PROD. DE MEL INSUMOS E PROD. DA AGRIC. FAMILIAR	Piranhas
COOFADEL – COOPERATIVA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE DELMIRO GOUVEIA ALAGOAS	Delmiro Gouveia
CARSIL – COOPERATIVA AGROPECUARIA REGIONAL DE SANTANA DO IPANEMA LTDA	Santana do Ipanema
COOPAF – COOPERATIVA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE JOAQUIM GOMES E REGIÃO	Joaquim Gomes

Fonte: Próprio autor.

3.4. Características Gerais das Empresas Entrevistadas

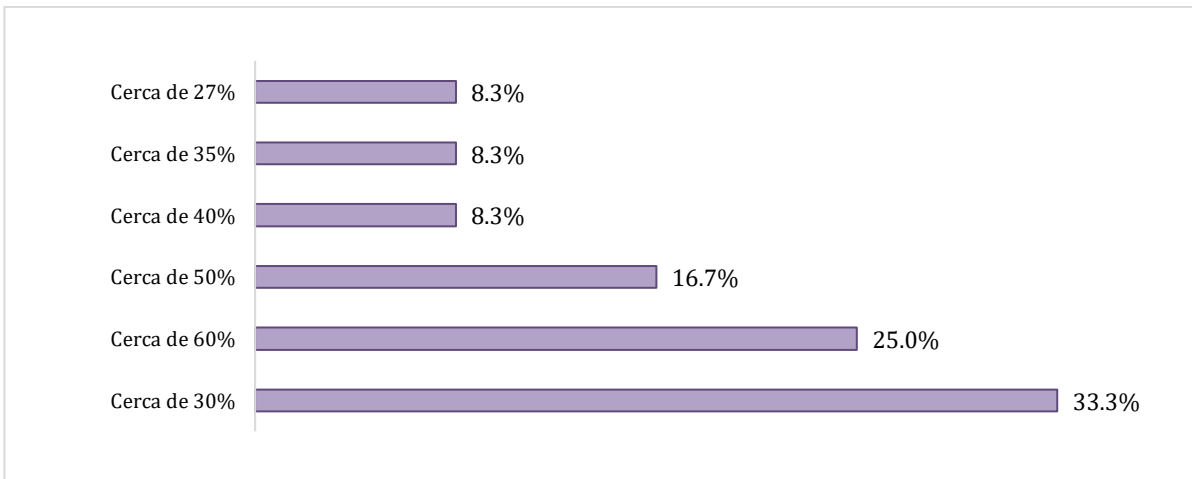
Apesar de trabalharem com produtos diferentes e de atuarem em municípios distante, as cooperativas de produção apresentam algumas informações muito semelhantes entre si. As atividades são exercidas em sua maioria por homens (70%), com idade média entre 41 e 70 anos em sua maioria (gráficos 1, 2 e 3). Essas características estão de acordo com o tipo de atividade exercida, que exige trabalho braçal em sua maioria.

Figura 1 - Percentual de homens



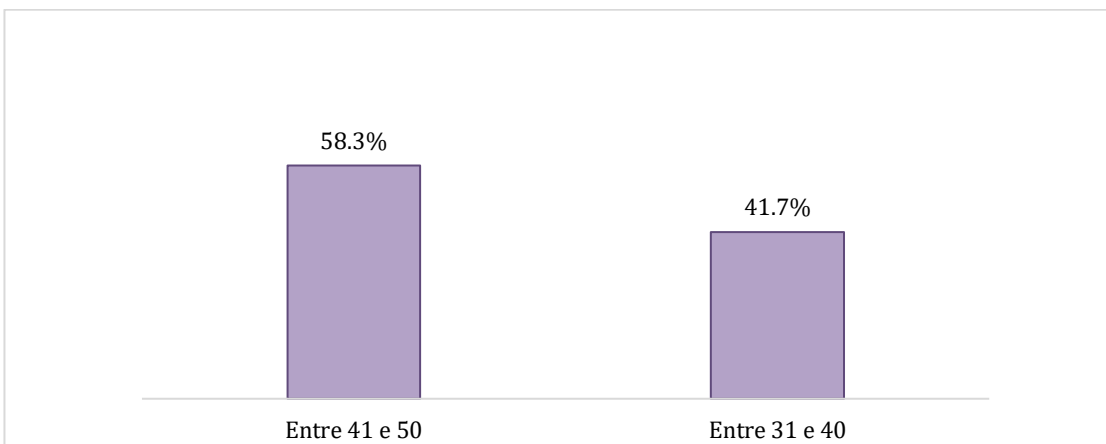
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 2 - Percentual de mulheres



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

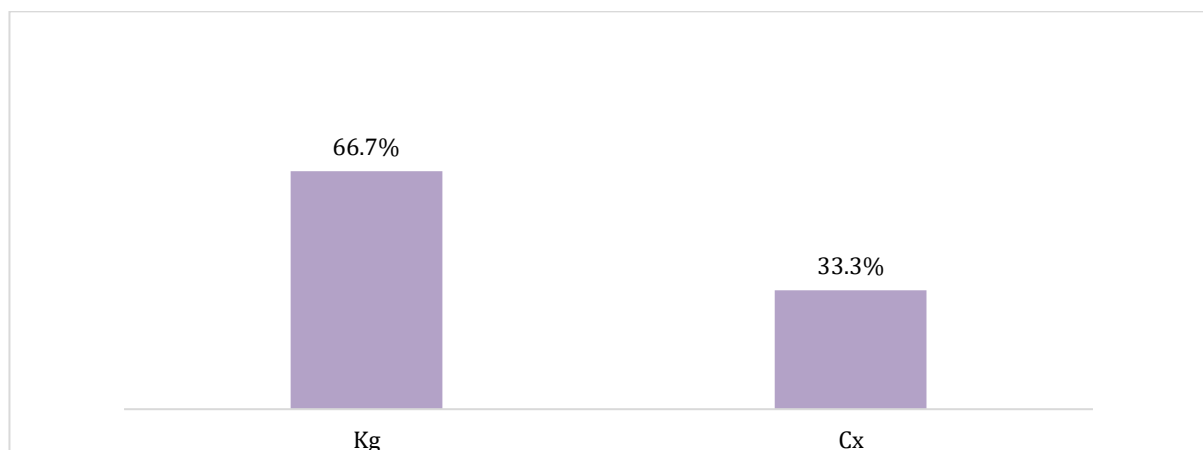
Figura 3 - Média de idade dos cooperados



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

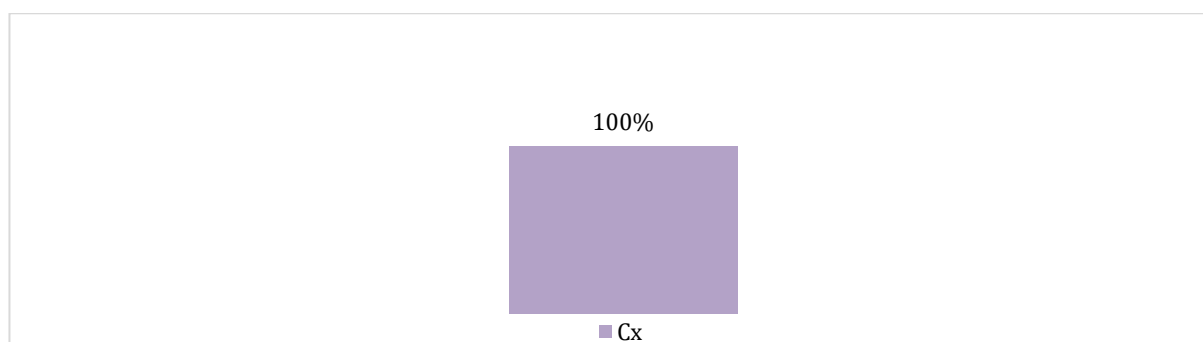
Com relação aos produtos comercializados, destacam-se as folhosas e as culturas mais simples, como alface, coentro, pimentão e cebolinha. A forma de comercialização está dividida entre caixa e Kg. A divisão entre as duas formas, antes de parecer um dado irrelevante, nos apresenta a informação de que os produtos são vendidos a granel, em feiras livres (gráficos 4 a 7). Assim, vislumbramos a necessidade de aquisição de automóveis para o transporte das mercadorias do campo para os locais das feiras.

Figura 4 - Produtos comercializados, Alface.



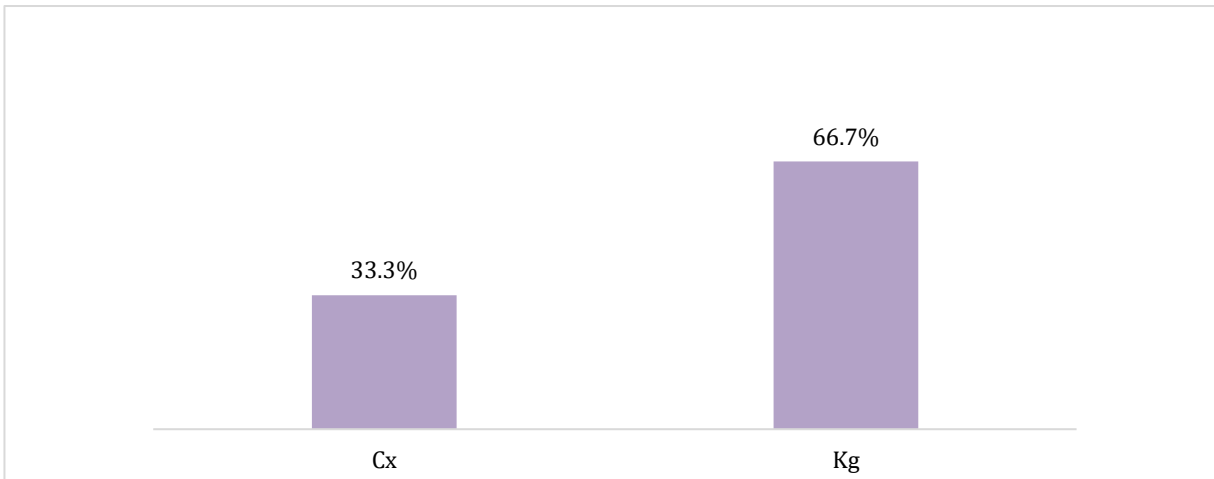
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 5 -Produtos comercializados, Coentro



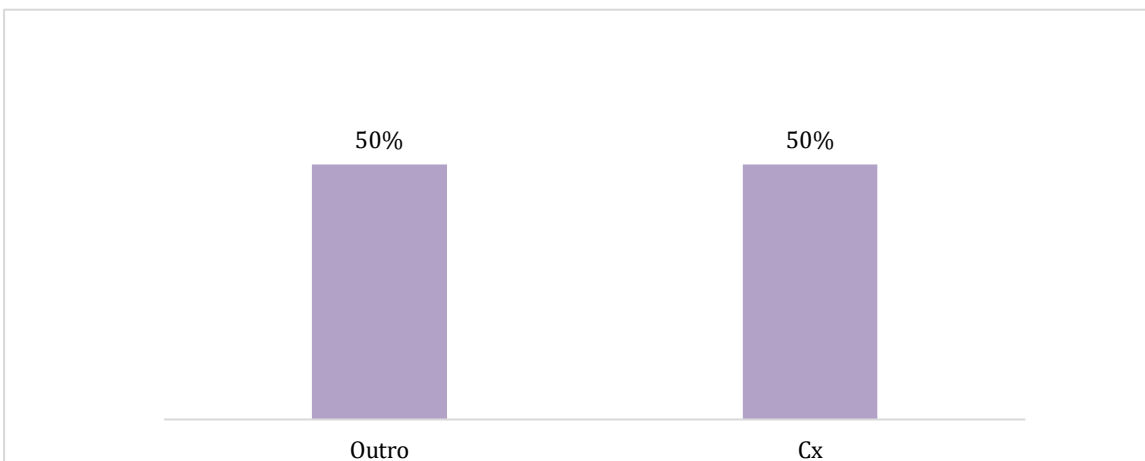
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 6 -Produtos comercializados, Pimentão



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

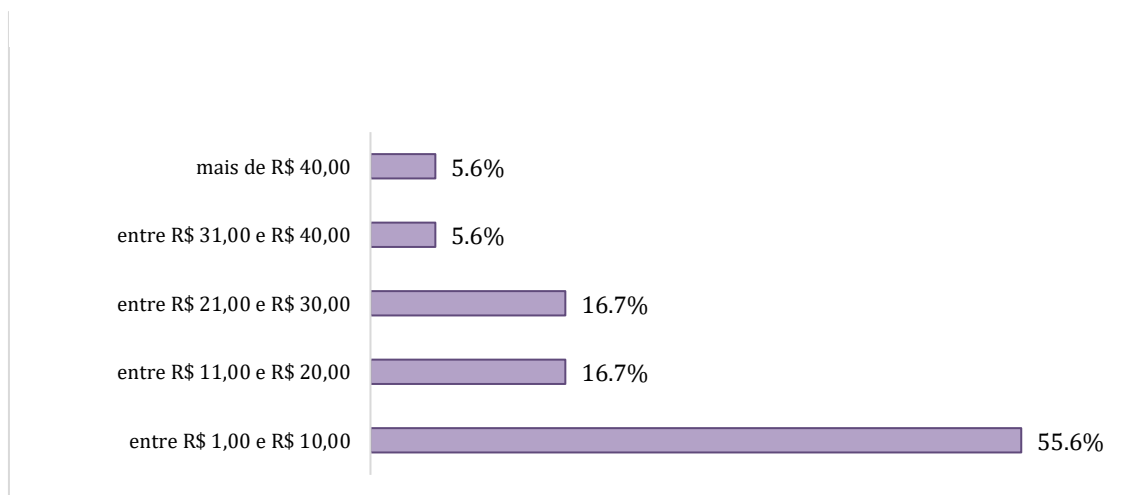
Figura 7 - Produtos comercializados, Cebolinha



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

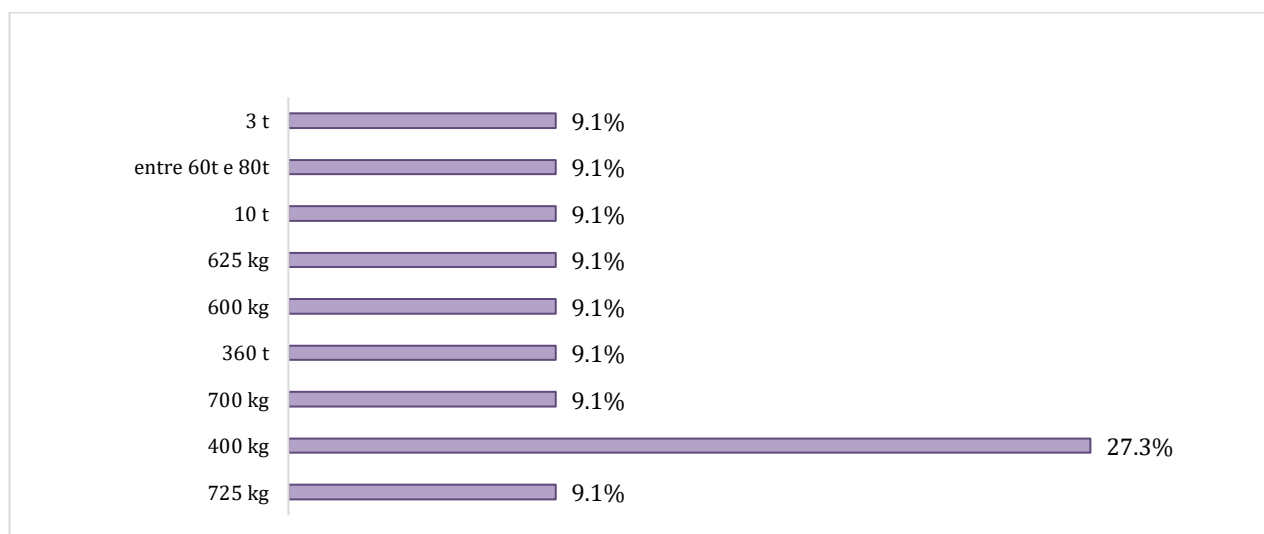
A faixa de preços dos produtos vendidos é relativamente baixa, entre R\$ 1,00 e R\$ 10,00, na maioria dos casos, fortalecendo a informação anterior de vendas massivamente em feiras livres. A organização da produção em centrais de comercialização poderia potencializar a quantidade produzida para além dos 400kg médios anuais, além de fortalecer a produção durante todos os meses do ano (gráficos 8 a 10).

Figura 8 - Faixa de preço dos produtos comercializados



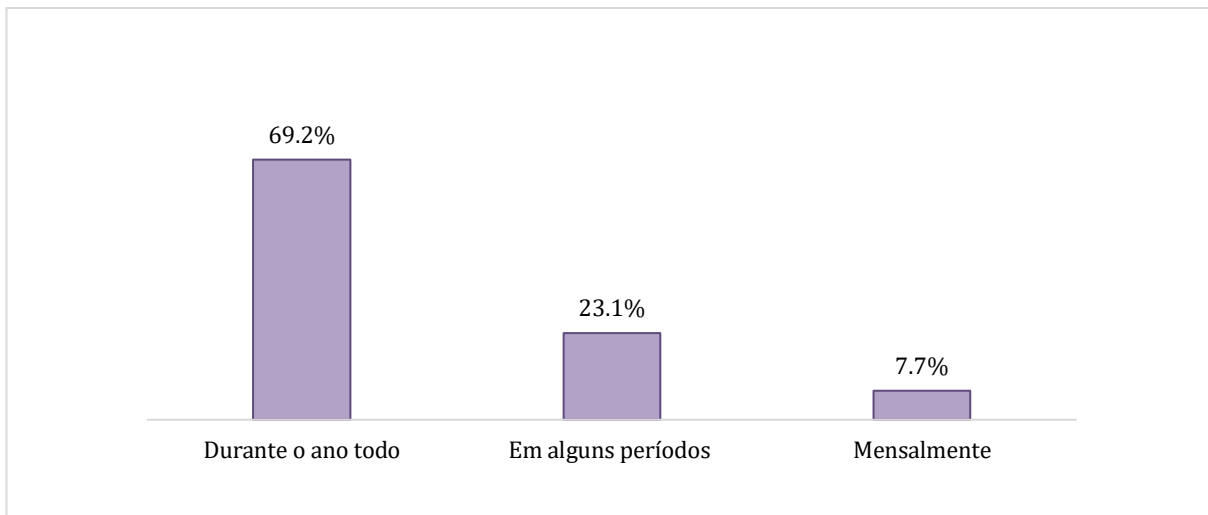
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 9 - Total da produção (ano)



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 10 -Sazonalidade da produção



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

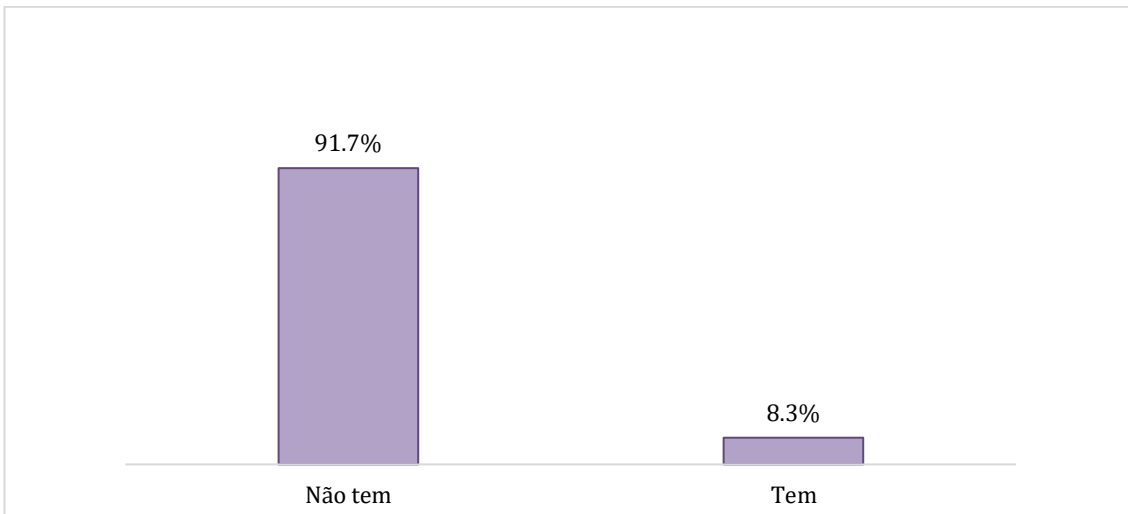
A organização da produção é uma sinalização relevante para o segmento de horticultura. O caminho para esta organização leva em conta o estudo aprofundado da demanda e a consequente programação da produção. Com isso, seria possível construir alternativas de entrega de alimentos em dias programados para as diversas cidades do estado, abrindo possibilidade, inclusive, para assinaturas e outras formas de pagamento.

3.5. Estrutura Organizacional

As informações relativas à estrutura organizacional evidenciam a fragilidade na gestão dos negócios. As cooperativas não dispõem de curriculum, organograma formal e nem definição de cargos e funções (gráficos 11 a 13). A inexistência dessas informações aponta para a falta de planejamento das atividades durante o ano. Sem diagnósticos e planejamento das ações para o ano, as cooperativas ficam mais suscetíveis a dependência de governos municipais e estaduais e a eventuais programas públicos temporários.

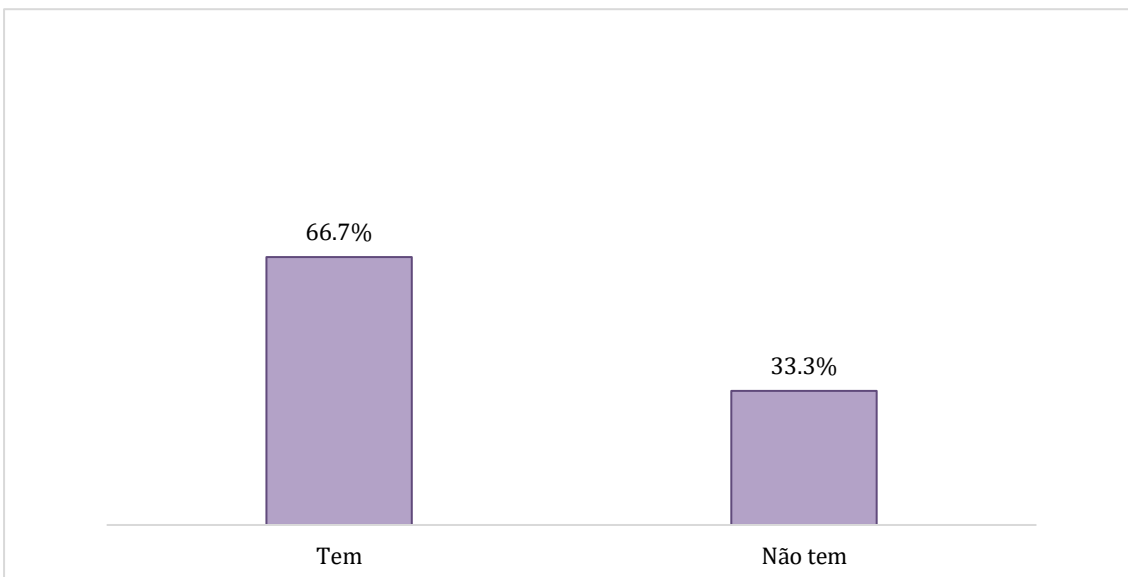
O pequeno quadro de funcionários também dificulta a ação das cooperativas, concentrando as atividades, em muitos casos, na figura do seu presidente. Parcerias com universidades, organizações não governamentais e os próprios governos poderiam ampliar as possibilidades de gestão e planejamento empresarial das cooperativas.

Figura 11 - Disponibilidade de curriculum dos dirigentes



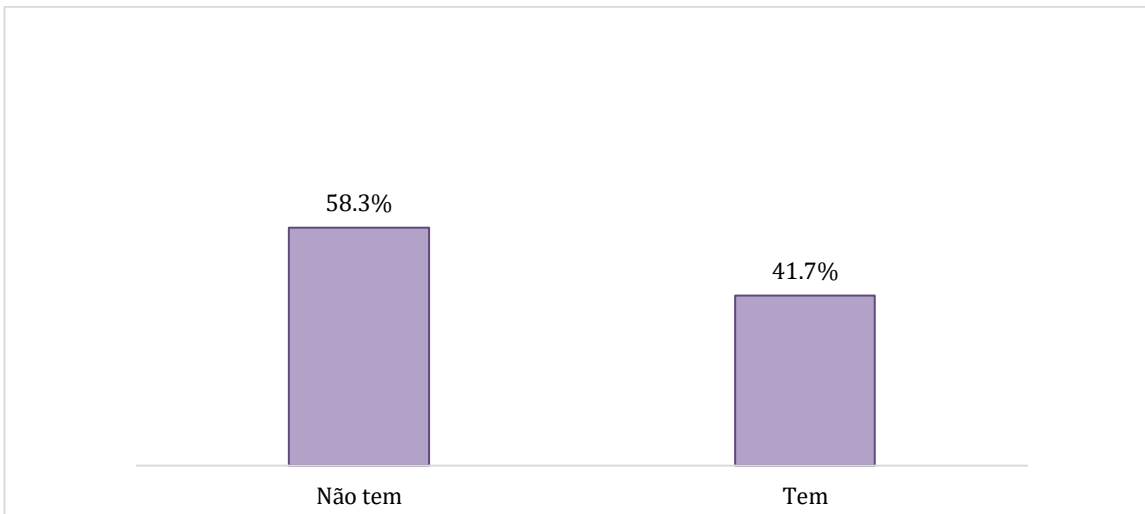
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 12 - Disponibilidade de organograma



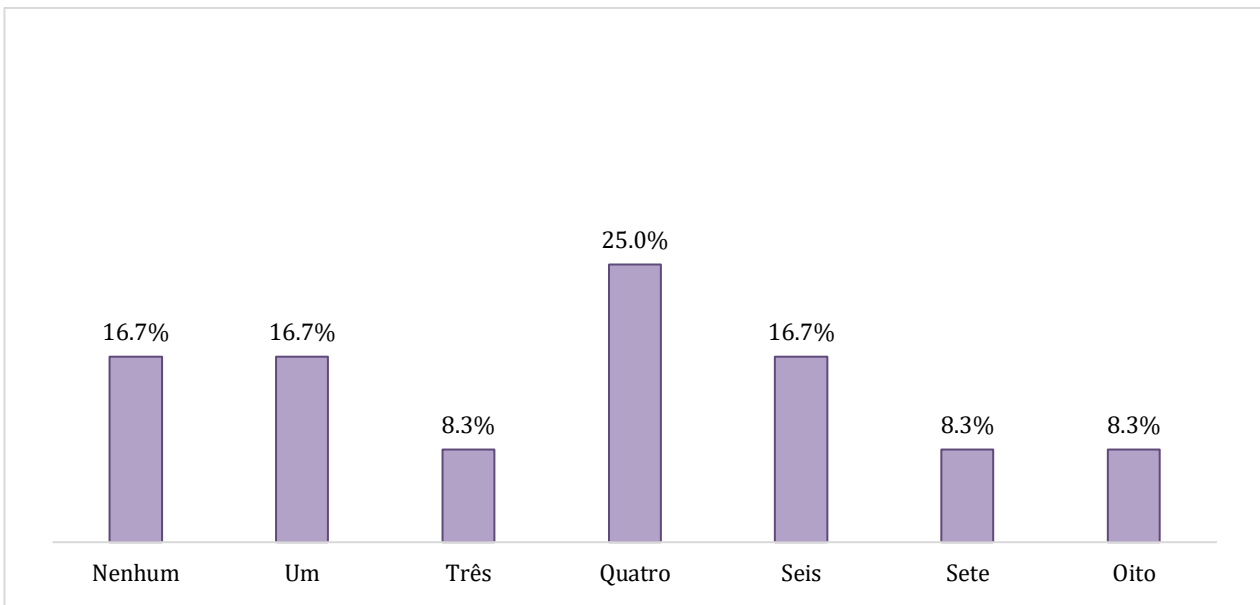
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 13 -Definição de cargos e funções



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 14 -Número de empregados



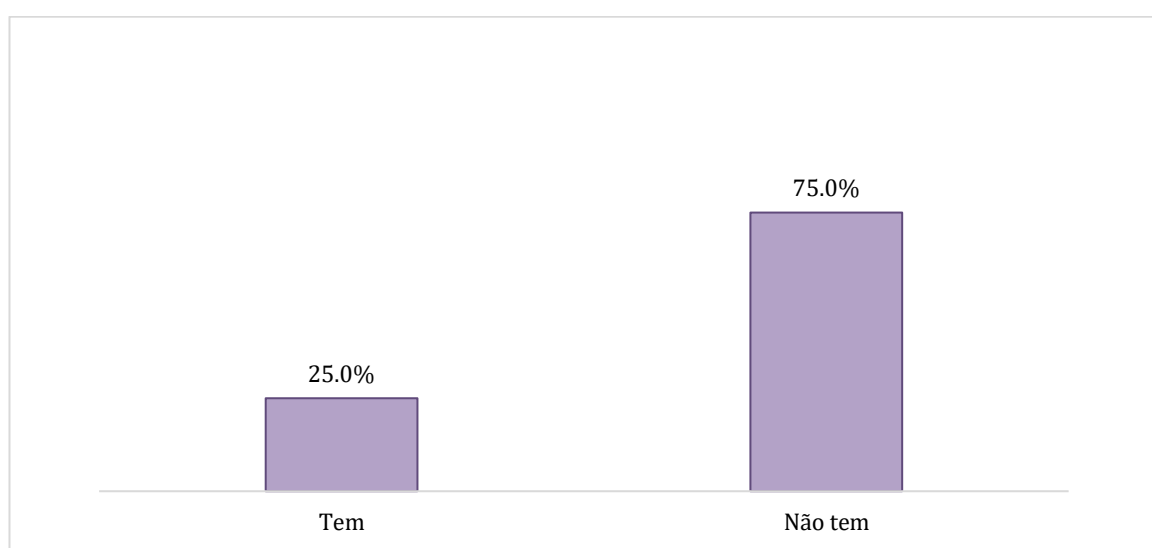
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

3.6. Estratégia Institucional

As cooperativas, em sua maioria, também não contam com um documento formal de estratégia. Assim, não conseguem estruturar ações de curto, médio e longo prazos ou criar alternativas nos níveis tático, operacional e estratégico para a superação de suas dificuldades (gráficos 15 a 17).

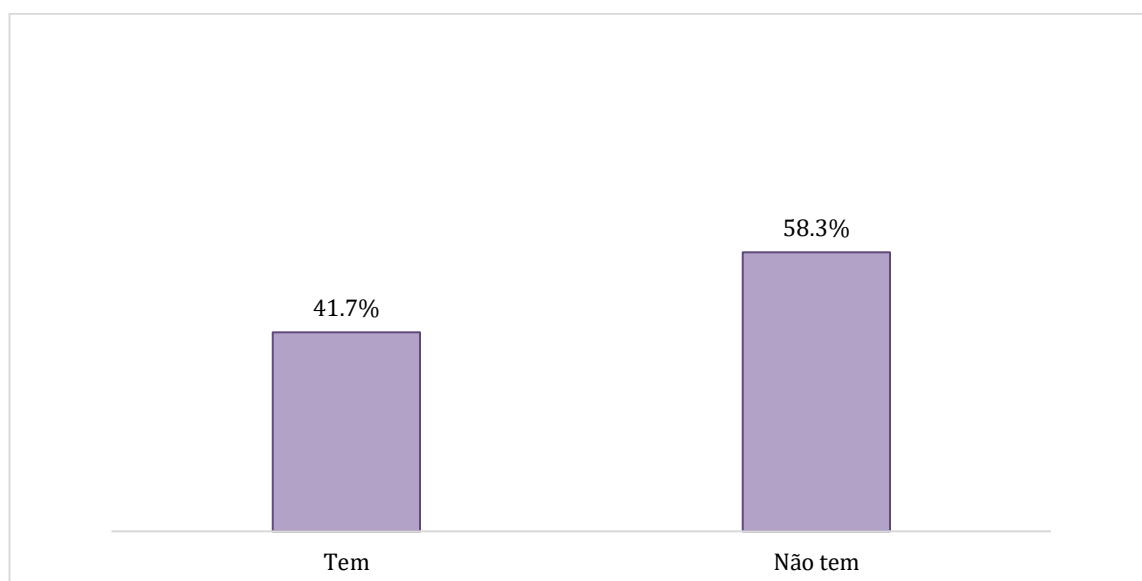
A definição dos principais concorrentes fica confusa porque as cooperativas não fazem eventos anuais de planejamento (gráfico 18). Assim, não conseguem definir quem, de fato, concorre com elas. Olham apenas para suas congêneres e não enxergam, por exemplo, outras formas de distribuição como as fazendas verticais.

Figura 15 - Documento de estratégia



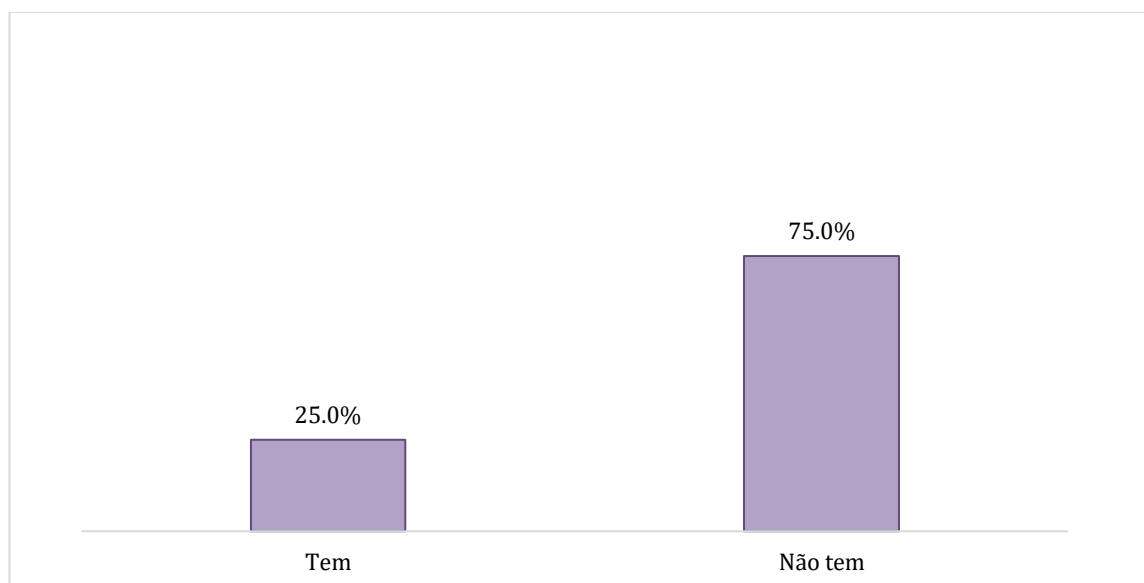
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 16 -Metas: curto, médio e longo prazos



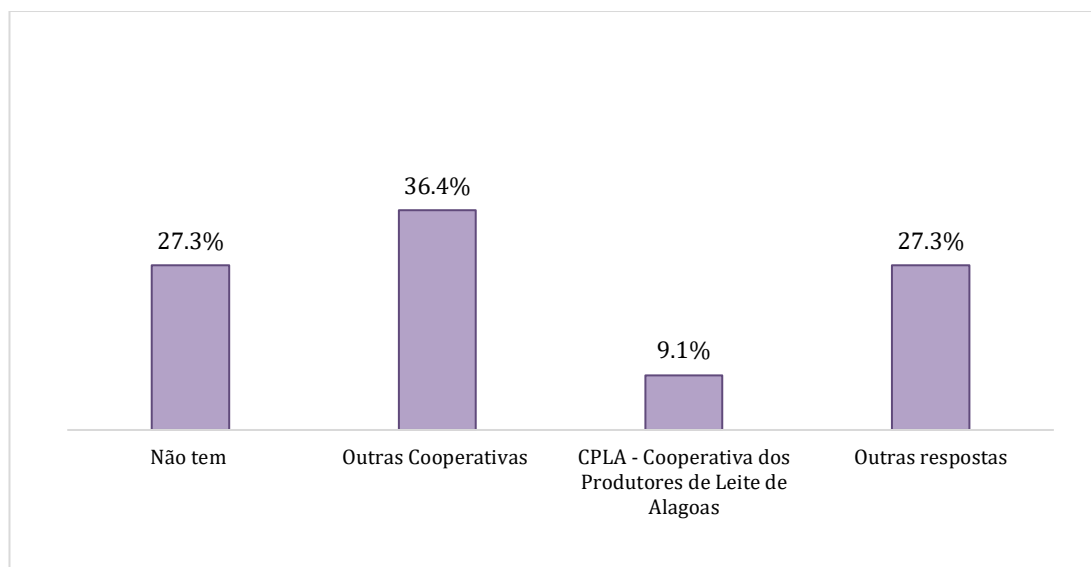
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 17- Rotinas estratégicas



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 18 -Concorrência

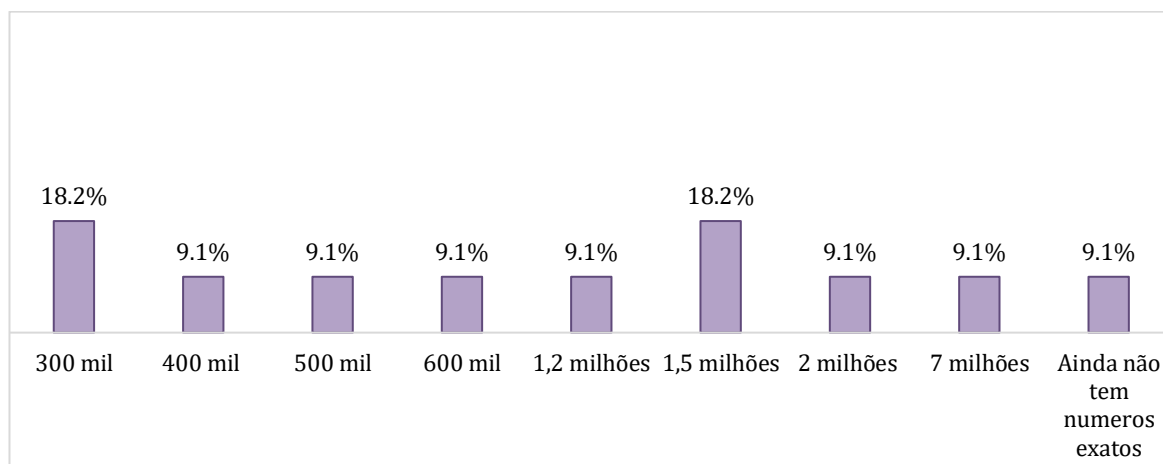


Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Ainda com relação a estratégia, os dados informam que as cooperativas não contam com nenhum sistema de gestão implantado para a administração de suas atividades e contam apenas com um contador terceirizado para o registro formal de suas atividades (gráficos 20 e

21). Temas relevantes para as cooperativas de agricultura familiar, como a gestão ambiental, também está ausente do escopo de atuação das cooperativas (gráfico 22), o que reduz a possibilidade de ampliação do faturamento para mercados de carbono.

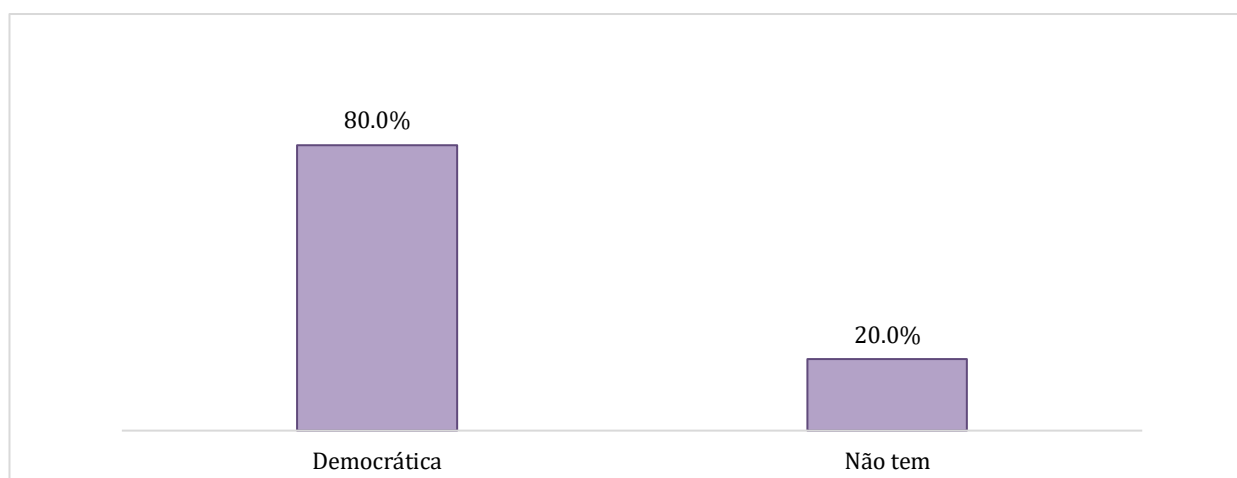
Figura 19 -Faturamento médio



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

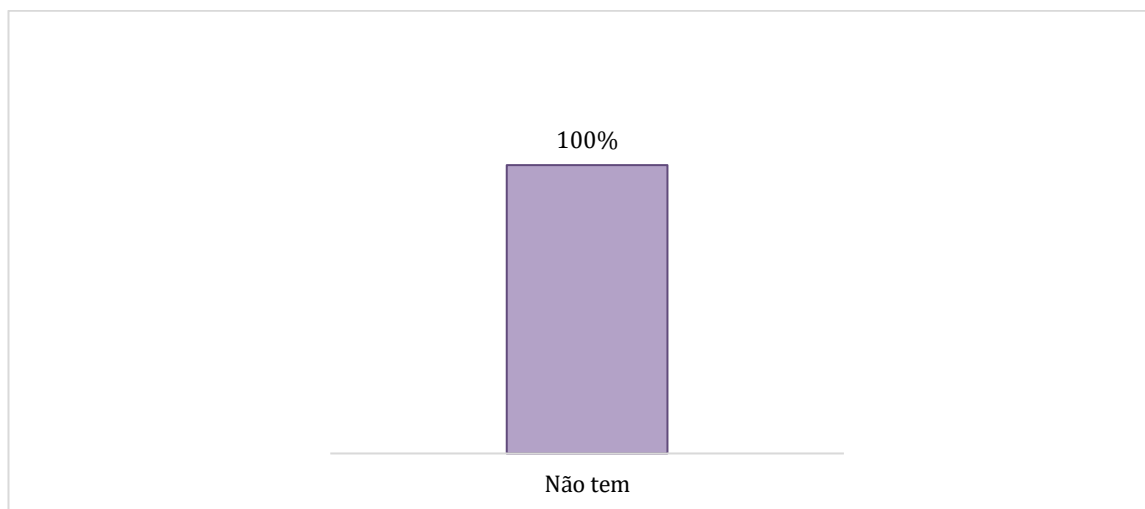
O faturamento médio das cooperativas gira em torno de R\$ 1,5mi, chegando, em alguns casos, a um faturamento bruto anual de até R\$ 7 milhões (gráficos 19 e 21). Esta variação no faturamento está relacionada à participação das cooperativas em programas específicos do governo estadual, como os programas de distribuição de leite e de sementes. Algumas cooperativas contam com parcerias específicas para a produção de algodão orgânico, exportado para a França, como é o caso da Coopabacs.

Figura 20 -Existência de sistema de gestão



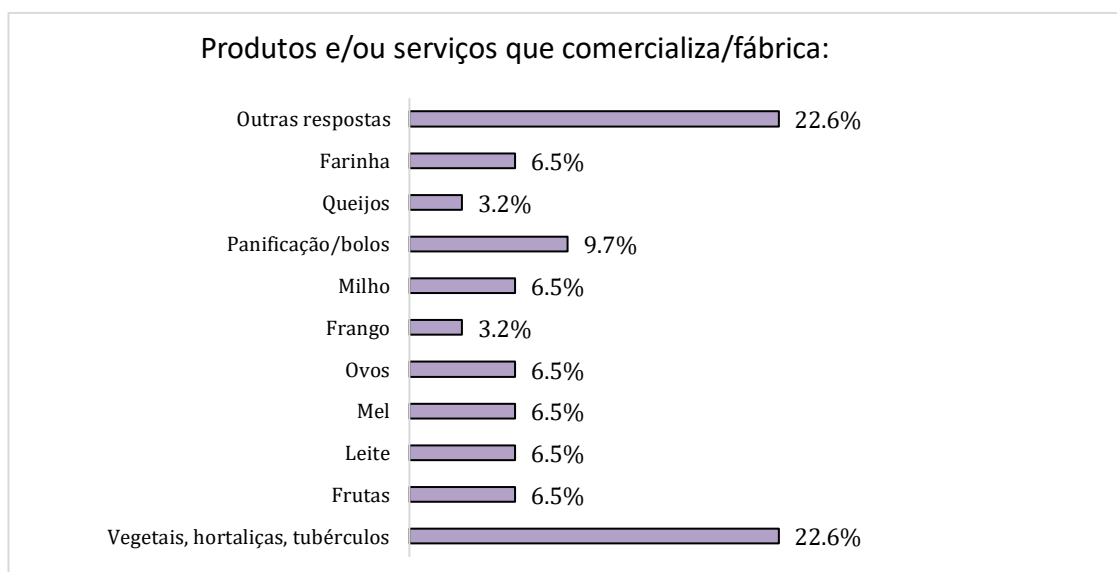
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 21-Sistema de gestão implantado



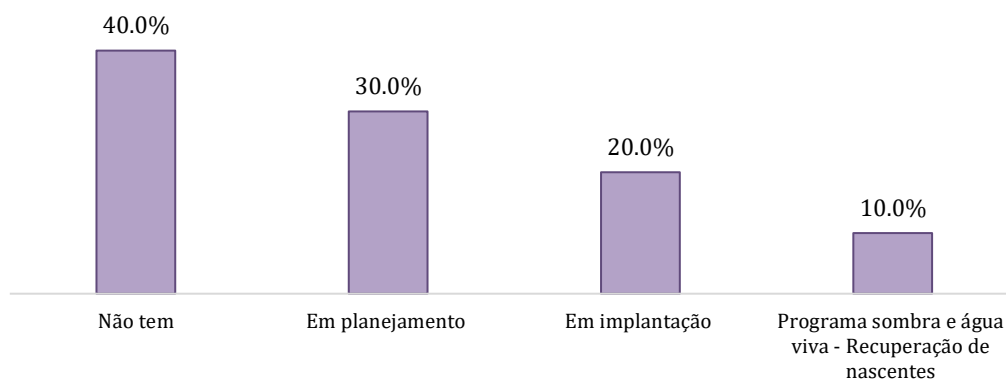
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 22 - Produtos e serviços comercializados



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 23 -Existência de gestão ambiental



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

4. MERCADOS E CONCORRÊNCIA: clientes institucionais, consumidores, fornecedores, canais de vendas

4.1. Clientes Institucionais

Para além dos consumidores diretos dos produtos no mercado, as cooperativas contam com os chamados clientes institucionais. Trata-se das administrações públicas nos níveis municipal e estadual que adquirem os produtos da agricultura familiar por meio de editais e concorrências públicas.

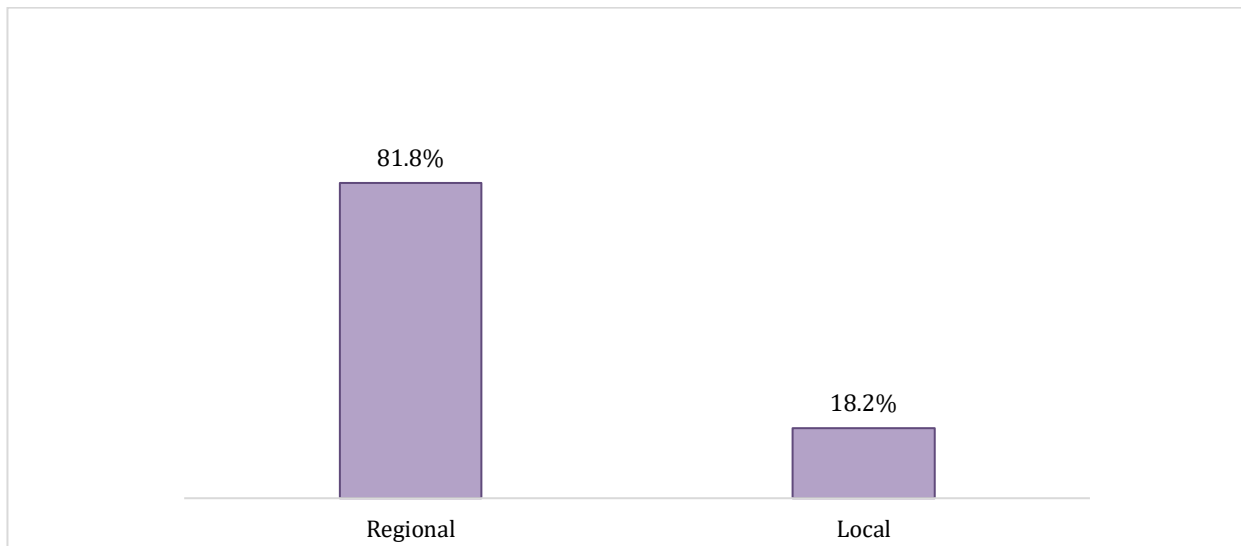
Este tipo de cliente pode ainda ser notado nas Central de Abastecimento, Mercados Públicos e compradores intermediários, que vão diretamente nas propriedades dos agricultores – os chamados atravessadores. Além disso os produtores de horticulturas vendem para o Programa Nacional de Alimentos (PAA), e para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

4.2. Outros mercados

Os principais mercados de atuação das cooperativas são regionais e as entregas são feitas prioritariamente para escolas, lanchonetes e restaurantes. Ainda assim, vislumbramos novas

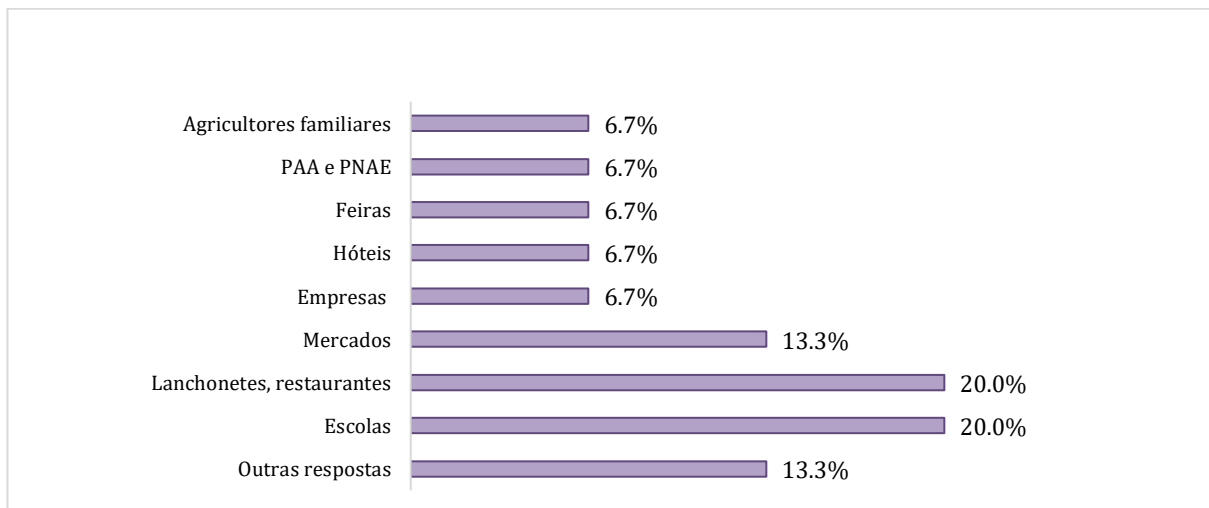
oportunidades para atuação em restaurantes nos meios urbanos e para outros mercados institucionais, como presídios e creches (gráficos 23 a 25).

Figura 24 - Mercados de atuação



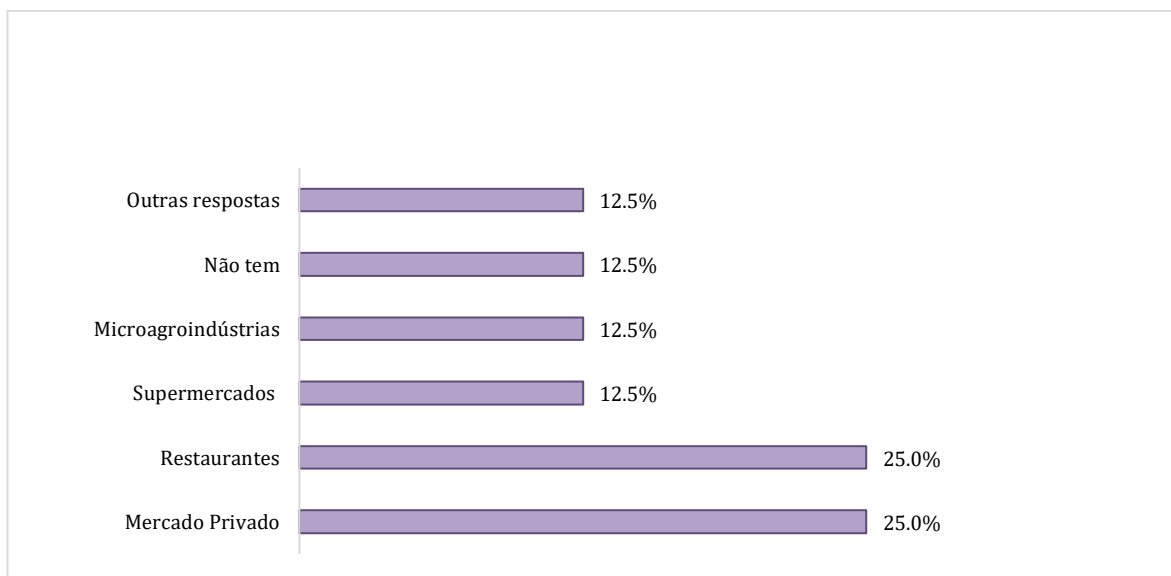
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 25 - Perfil dos principais consumidores



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

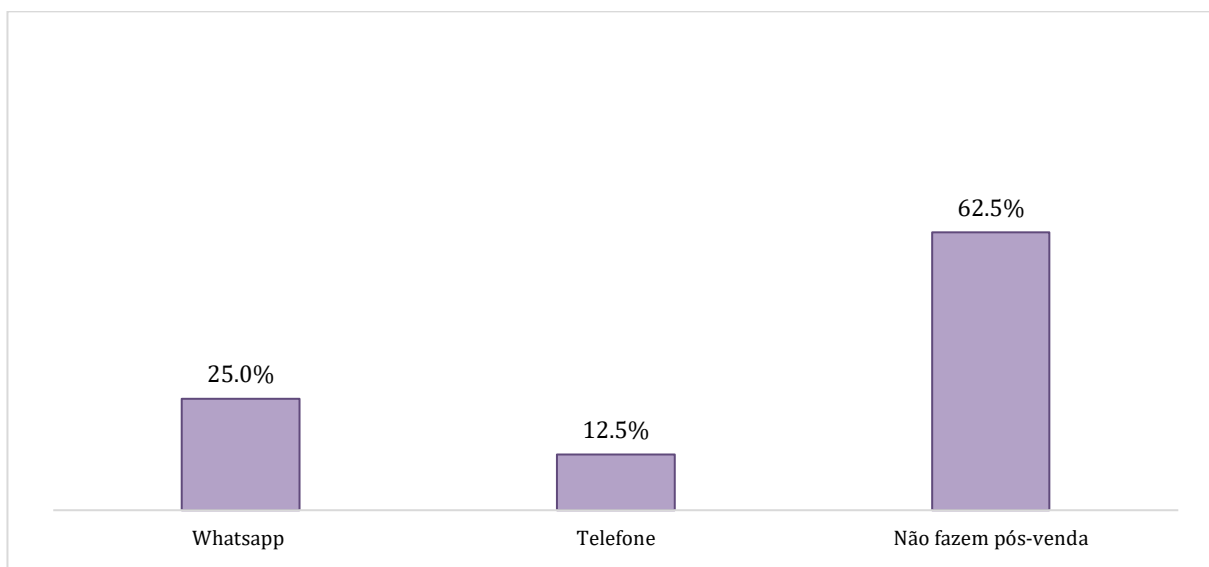
Figura 26 -Perfil dos principais consumidores



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Porém, as cooperativas precisam fortalecer suas estratégias de aproximação com os clientes. Pelos dados coletados, verificamos que as empresas não costumam realizar ações de monitoramento do pós-venda e de um contato mais aproximado com seus clientes (gráfico 26).

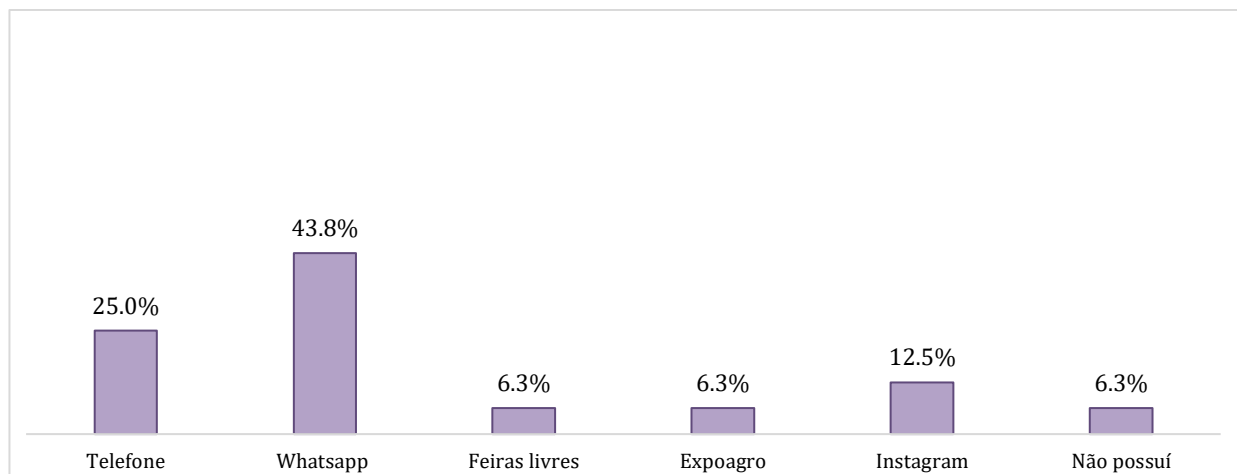
Figura 27 -Caracterização do pós-venda



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Apesar das dificuldades encontradas, percebemos um esforço de comunicação com o mercado nos novos meios digitais. As cooperativas utilizam ferramentas como o WhatsApp e o Instagram para comunicações e vendas de seus produtos (gráfico 27).

Figura 28- Fontes de comunicação



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

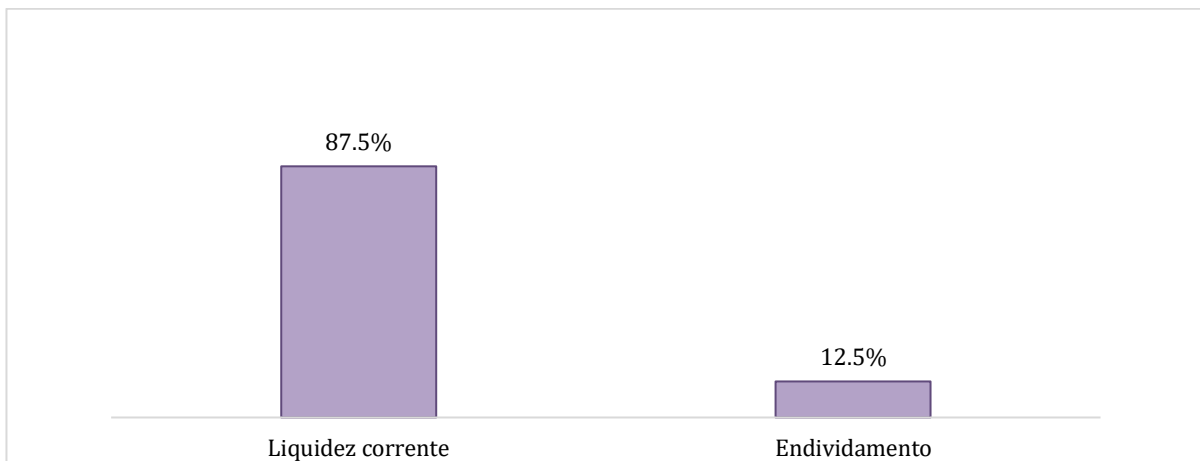
5. FINANÇAS

5.1. Indicadores de gestão financeira

Assim como nas informações acerca do documento da estratégia, os indicadores financeiros não são apurados para uma melhor gestão empresarial. As informações sobre liquidez e endividamento são fornecidas pelos contadores. Porém, os demais indicadores financeiros, necessários para o planejamento financeiro de médio e longo prazos, não são apurados (gráficos 28 a 31).

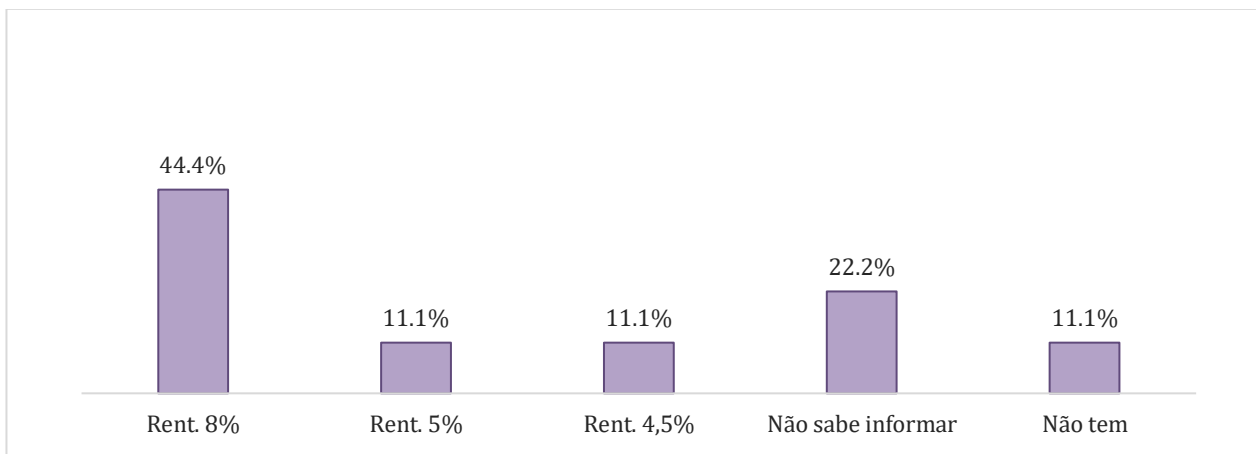
Exemplo disso são os indicadores de rentabilidade da empresa, que poderiam apontar para uma combinação do planejamento dos produtos mais rentáveis, de modo a propiciar uma maior ampliação do faturamento e do mercado para aquelas culturas mais rentáveis.

Figura 29 -Indicadores financeiros



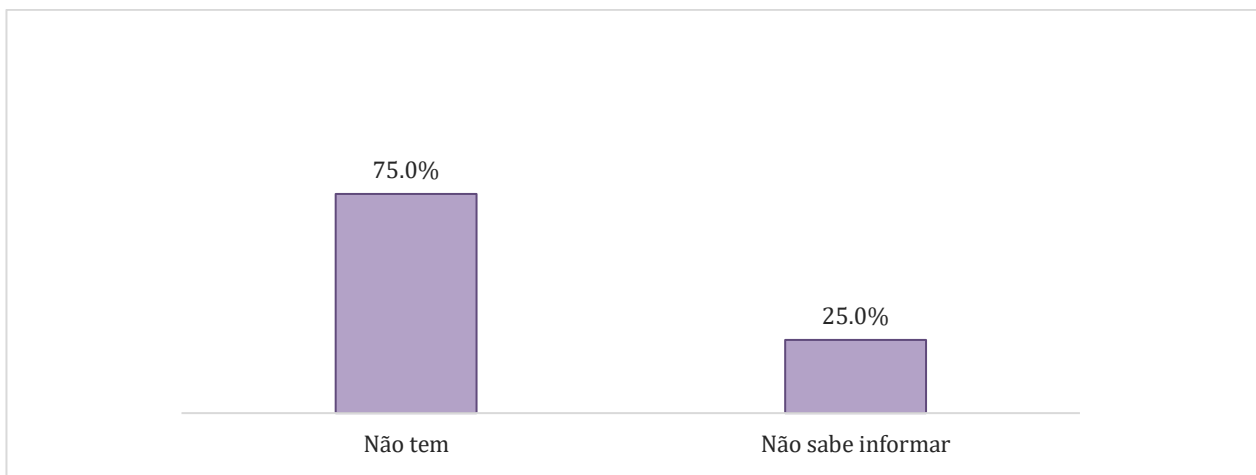
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 30 -Indicador de rentabilidade



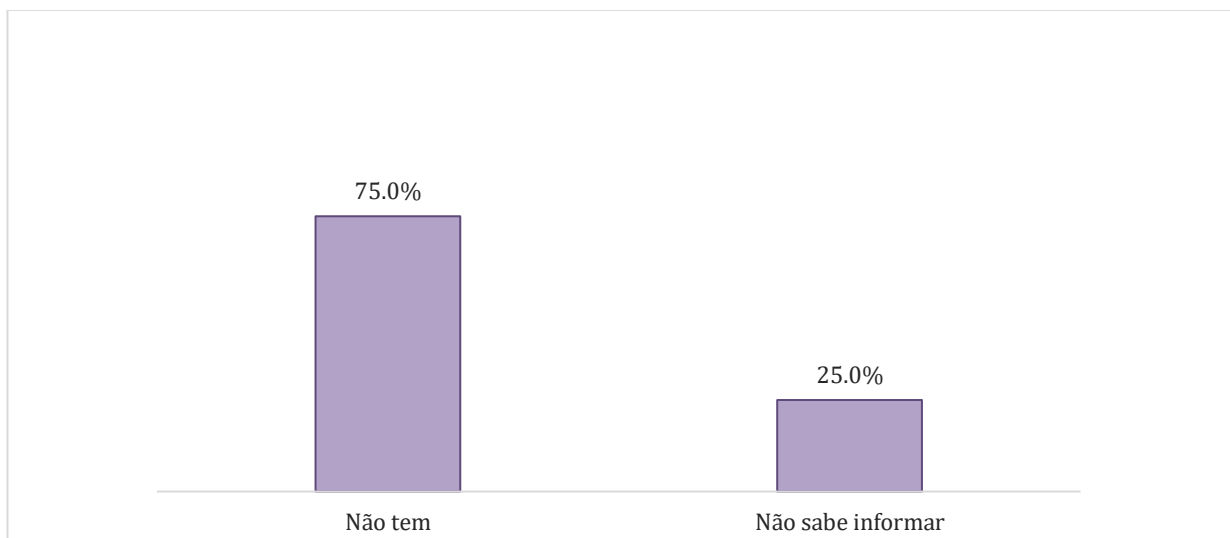
Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 31 -Indicador de rentabilidade



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 32 -Rentabilidade do patrimônio líquido



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

6. INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

Em Alagoas, na região estudada, encontramos algumas inovações: **Pimentão Híbrido** – experimento realizado pelo Instituto Federal de Alagoas- IFAL, e a SMDR Cultivo do pimentão híbrido de solo em *mulching* branco e preto- Unidade Demonstrativa (SMDR/Produtor); além do cultivo de Coentro em sistema de irrigação por gotejamento e em fileiras duplas.

Porém, não encontramos pesquisas referentes ao melhoramento genético da horticultura de uma forma geral (gráfico 32). Consideramos esta lacuna como uma ótima oportunidade de aproximação da academia com o setor produtivo.

**Figura 33 -Há algum programa de melhoramento genético para horticultura em seu Estado?
Se sim, Qual (is)?**



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

7. DIAGNÓSTICO DO SEGMENTO

7.1. Fatores de Sucesso e Insucesso

<p>Pontos Fortes Tempo no mercado, muitos associados, agricultura familiar Sede própria, casa de farinha e panificadora Produção agroecológica Articulação com o governo estadual, federal e contrato com uma ONG internacional francesa. A produção de leite tem grande potencial para a criação de agroindústrias de leite e bolo.</p>	<p>Pontos Fracos Falta de acesso a mercados privados Falta do SIF e vendas em grandes supermercados Profissionalizar a cooperativa; ter sede própria, máquinas e equipamentos. Falta de escala, falta de agroindustrialização. Falta de contatos para vendas.</p>
<p>Vantagens As sementes de milho e feijão são crioulas e o algodão orgânico. Atuação em todo o estado e assistência técnica. Preços competitivos. Produtos padronizados. Vendas ao governo, licitação em prefeituras.</p>	<p>Desvantagens Ausência de processamento, produtos de época; Produtos que chegam de outros estados; Concorrência desleal; Não vendem para programas governamentais estadual: PAA, PNAE; Vendas em supermercados.</p>

Fonte: Semente Consultoria, 2023.

7.2. Ações recomendadas

7.3. Oportunidades e Tendências para o segmento

- Introdução de novas culturas, com o objetivo de diversificar e agregar valor à produção agrícola familiar na região (cenoura, batata inglesa e cebola);
- Aumento do nível tecnológico da produção de sistemas produtivos, com o objetivo de gerar desenvolvimento sustentável;
- Uso racional e eficiente de insumos agrícolas, defensivos agrícolas/agrotóxicos (mudanças de paradigmas culturais dos agricultores da região e Estado);
- Expansão do Cultivo hidropônico e cultivo em ambiente protegido, objetivando aumentar a escala e a estabilidade da produção ao longo do ano, além da introdução de novas culturas e cultivares;
- Difusão de ideias e cultivos agroecológicos e/ou orgânicos, objetivando a segurança alimentar;
- Implantação da Gestão Estratégica para todas as cooperativas;
- Criação de mercados institucionais, regulados por organizações de apoio ao setor, para acesso a todas as regiões do estado;
- Criação de linha de crédito exclusiva em agências de fomento, cooperativas de crédito e outras instituições intervenientes no setor;
- Aquisição de caminhões para transporte dos produtos;
- Criação de microindústrias para processamento dos produtos.

8. ESTRUTURAS DE APOIO À PRODUÇÃO E PROJETOS DE APOIO AO SETOR

De acordo com os entrevistados, Alagoas conta com uma boa rede de apoio ao segmento de cooperativas de agricultores familiares. Dentre as principais organizações, podemos citar:

SEBRAE, EMBRAPA, UNEAL, UFAL, IFAL, EMATER, SMDETUR, SENAR, SEAGRI, SENAC, SENAI, EMATER, SENAR, SESCOOP, SICOOB, Sindicato Rural, Banco Nordeste.

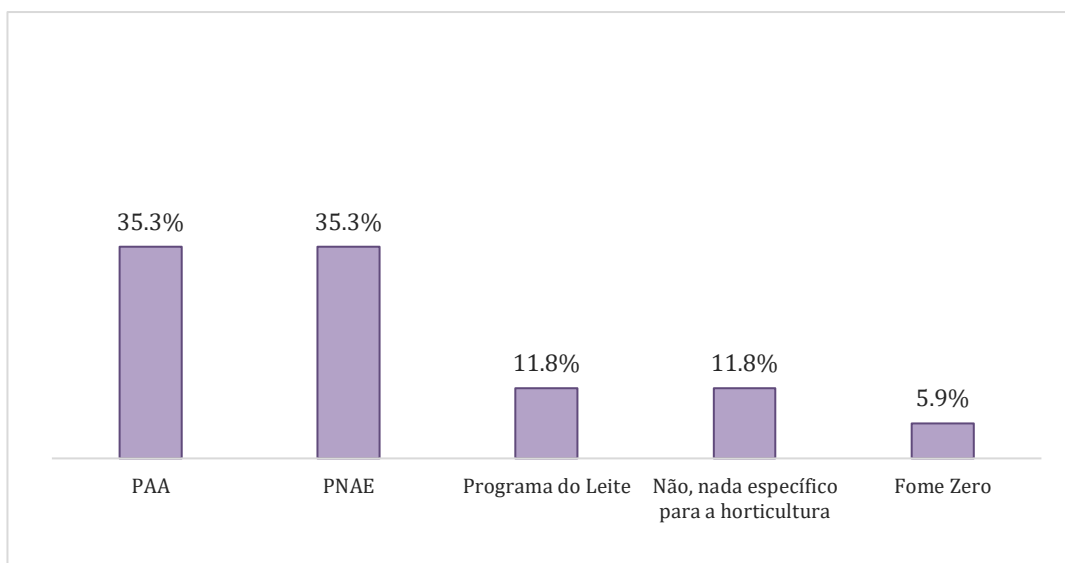
Dentre os organismos da sociedade civil, foram identificados as seguintes organizações e instrumentos de apoio:

- ONG Internacional ("Vertsois");
- Associações de produtores;
- Indígenas e quilombolas;
- MDA;
- SEDAFRA;
- Conselho de Segurança Alimentar;
- Prefeituras municipais;

- Desenvolve
- Governo do Estado (PAA e Fecoep);
- Unicafes.

Sobre os programas sociais existentes, os mais citados foram o PAA e o PNAE (gráfico 33), além do programa do leite. Com relação ao papel do Sebrae/AL no apoio às cooperativas, os gestores informaram que contaram com seu apoio por meio do projeto Alagoas Maior (gráfico 34).

Figura 34 -Programas sociais para a atividade



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

Figura 35-Papel do Sebrae no setor



Fonte: Semente Consultoria, 2023.

9. CONCLUSÃO

A atividade de horticultura é muito importante para o processo de inclusão produtiva em todo o estado. Organizações ligadas à Secretaria de Estado da Agricultura, como o Instituto de Desenvolvimento Rural e Abastecimento de Alagoas (IDERAL) e as Centrais de Abastecimento de Alimento (CEASA), contam com estatísticas sobre a produção e distribuição de alimentos para todo o estado.

Na outra ponta, organizações como o Sebrae/AL realizaram estudos para a identificação de mercado – oferta e demanda – dos principais produtos hortícolas produzidos e consumidos no estado, bem como as lacunas que resultam em importação de outros estados vizinhos. O cruzamento das informações de oferta e demanda, com os vazios produtivos no estado, podem resultar em alternativas concretas de utilização de grades volumes de mão de obra ociosos para a produção de alimentos para todas as regiões alagoanas.

O mapeamento de toda a atividade hortícola listada no presente relatório apresenta oportunidades concretas e as sugestões de efetivação de propostas e projetos para o aproveitamento de todo o potencial do setor. Inicialmente, apontamos as necessidades de melhoria nos aspectos organizacionais. Como apresentado, as cooperativas de produção da agricultura familiar não contam com um planejamento estratégico formal para ajudar a superar suas principais dificuldades. Percebemos que a ausência de planejamento formal destes organismos produtivos

cria uma dependência para com os poderes públicos locais e estaduais e com algumas organizações não governamentais. Entendemos que o mapeamento das principais dificuldades proporciona um conjunto de ações a serem realizadas que podem ser realizadas para além das dependências das administrações públicas.

Sem planejamento estratégico não há como construir indicadores financeiros e de mercado para conduzirem estes organismos produtivos no rumo de sua independência. Assim, acreditamos que a construção de parcerias com a academia e centros de pesquisa podem fechar as lacunas da gestão e das pesquisas na área. O investimento público em melhoramento genético e na administração dos negócios das cooperativas certamente é um caminho para a fuga da dependência de programas pontuais de suporte ao setor.

A certificação de produtos é outro caminho a ser trilhado por essas cooperativas. Certificações de origem, selos de inspeção e denominações de origem controlada de produtos específicos abrem caminhos para diversas outras áreas. Algumas dessas novas áreas podem ser: i) a inovação em produtos, a partir de pesquisas acadêmicas; ii) o cruzamento da atividade agrícola com a atividade de turismo, para visitas e consumo in loco dos produtos.

O crédito para investimentos é outro fator importante a ser desenvolvido para o setor. Para que as cooperativas acessem crédito customizado para atividade, no entanto, é vital que essas empresas estejam com todo o seu aparato documental e organizacional atualizado. Isto significa que as documentações formais estejam em dias, que as empresas não tenham dívidas e que apresentem um planejamento de curto, médio e longo prazo.

Enfim, a atividade de horticultura, baseada em cooperativas familiares de produção apresentam grande potencial de crescimento no mercado. Para isso precisam: i) formalização; ii) planejamento; iii) apoio institucional; iv) acesso a crédito sob medida. As agências de apoio, como a Unicafes e o Sebrae, além de bancos e agências de fomento ao desenvolvimento são muito importantes para a concretização das propostas aqui levantadas.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://oagronomico.iac.sp.gov.br/?p=893>

<https://agro20.com.br/horticultura/>

Agro 2.0 em Horticultura e sua importância para a agricultura no Brasil</a

<https://blog.jacto.com.br/horticultura/>

<https://www.emvepjr.com/single-post/2020/04/03/Diferen%C3%A7as-entre-produ%C3%A7%C3%A3o-org%C3%A2nica-e-sustent%C3%A1vel>

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/52561599/artigo---comercializacao-e-consumo-de-hortalicas-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus>

BERNARDO, E. G; RAMOS, H. R. R. Desenvolvimento Sustentável na Agricultura Familiar. Anais do V SINGEP: Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade, São Paulo, 2016.

DELONGE et al. Investing in the transition to sustainable agriculture. Environmental Science & Policy, v. 55, p. 266–273, 2016.

KORIN. Sustentável, Orgânico ou Agricultura Natural, Blog da Korin, 2015. Disponível em:

- <<https://www.korin.com.br/blog/sustentavel-organico-ou-natural/>>. Acesso em: 30/03/2020.
- MAZZOLENI, E. M; NOGUEIRA, J. M. Agricultura orgânica: características básicas do seuprodutor. Revista de Economia e Sociologia Rural, v.44, n.2, Brasília, 2006.
- SEBRAE/AL. Estudo da cadeia produtiva de horticultura, 2020. www.datasebrae.com.br.
- <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-agricultura-organica,69d9438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>
- SEBRAE. Hortigrangeiros no estado de Alagoas: uma análise evolutiva da comercialização dentro do IDERAL/CEASA-AL, 2017.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO HORTICULTURA

NOME DA COOPERATIVA:	SIGLA:
ENDEREÇO:	
CNPJ:	
Entrevistado:	
Cargo/Função:	

I – DADOS GERAIS

Segmento de Atividade: _____

Principais Produtos Comercializados, Quantidades e Preços

Produto	Produção (kg/l/cx/outro)	Preço	Valor Total	Sazonalidade

Quantidade de cooperados

Homem	Mulher

Idade

Entre 16 e 20	Entre 21 e 30	Entre 31 e 40	Entre 41 e 50	Acima de 50

Grupo I Gestão e Organização

1. Organização e Administração

- Curriculum dos dirigentes
- Organograma
- Definição de cargos e funções
- Número de empregados

2. Estratégia Institucional

- Existência de documento da estratégia
- Metas de curto, médio e longo prazos
- Existência de rotinas de implantação da estratégia
- Principais concorrentes
- Faturamento anual

3. Sistemas de Gestão

- Modelo de gestão implantado
- Posição no mercado
- Produtos e/ou serviços que comercializa/fabrica
- Gestão ambiental
- Principais pontos fortes e fracos

Grupo II Mercados e Vendas

1. Produtos e Serviços

- Linhas de produtos/serviços (descrição completa): características, atributos principais e benefícios atendidos.
- Vantagens e desvantagens em relação ao seu concorrente.
- Capacidade de produção, para cada produto, em todas as linhas (unidades/mês).
- Preços de cada produto (se houver diferenciação por quantidade ou clientes descrever detalhadamente).
- Condições de pagamento/faturamento.
- Estrutura de distribuição dos produtos.
- Descrição dos canais e sua importância no processo de distribuição

2. Mercados de Atuação

- Grau de amplitude dos mercados atingidos pela empresa (local, regional, nacional, internacional).
- Demanda atual e potencial para os produtos da empresa.
- Relação dos clientes atuais estratificada por tamanho, volume de vendas e sazonalidade das compras efetuadas nos últimos 12 meses.

- Perfil do consumidor dos produtos da empresa (dos diferentes segmentos atendidos ou a atender).
- Oportunidades de crescimento dos negócios da empresa no mercado.
- Posição dos principais concorrentes no mercado (preços, produtos, propaganda, serviços agregados, volumes, faturamento, forma de atuação e tamanho da força de vendas etc.).
- Forças e fraquezas da concorrência (tecnologia própria e embarcada tipo e nível de distribuição, linhas de produtos, produto ampliado, equipe de venda, comunicação com o mercado, serviços pós-venda, etc).

3. Estrutura de Vendas

- Relação completa dos vendedores.
- Caracterização do sistema dos canais de vendas, pontos de vendas, volumes por canal e ponto de venda.
- Caracterização do pós-venda.
- Meios de comunicação adotados para a divulgação de seus produtos.
- Formas de promoção de vendas utilizadas e seus resultados.
- Canais e pontos de vendas alternativos para a venda dos produtos.

Grupo III – Finanças e Contabilidade

4. A empresa tem algum sistema de controle financeiro e contábil? Quais?
5. Quais os indicadores financeiros que a empresa utiliza?

6. Indicadores de Liquidez (capacidade de pagamento)

- Liquidez corrente
- Liquidez seca
- Liquidez geral
- Endividamento

7. Indicadores de Rentabilidade

- Margem Líquida
- Rentabilidade do ativo
- Rentabilidade do patrimônio líquido

Grupo IV – Atores e Cadeia Produtiva

8. **Quais os principais atores da cadeia produtiva de aves no seu Estado** (exemplo: centros de pesquisa; órgãos do governo; universidades; institutos de pesquisa; órgãos

federais; bancos; sistema “S”, etc.):

–

9. Há alguma linha de crédito específica para o setor de aves no seu Estado? Quais as condições?

Citar: _____

10. Quais as principais regiões produtoras de horticultura em seu Estado?

–

11. Há algum programa de melhoramento genético para horticultura em seu Estado? Se sim, Qual (is)? _____

12. Há algum programa social que incentiva a atividade hortícola em seu Estado?

Por favor descreva o nome do programa em cada nível.

Nível municipal: _____

Nível estadual: _____

Nível federal: _____

13. O Sebrae tem algum programa/projeto de horticultura no Estado? Quais?

ANEXO II – Sumário Estatístico da Produção Hortícola em Alagoas

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Total				
	Área plantada (hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	456899	417743	2740069
Agreste Alagoano (AL)	69312	59371	358789
Palmeira dos Índios (AL)	12190	10430	50381
Arapiraca (AL)	51698	45212	288210
Traipu (AL)	5424	3729	20196
Água Branca (AL)	2474	1224	4422
Anadia (AL)	5238	5238	38510
Arapiraca (AL)	9697	9477	51908
Atalaia (AL)	13516	13516	80438
Barra de Santo Antônio (AL)	2785	2785	15448
Barra de São Miguel (AL)	3610	3610	27781
Batalha (AL)	1058	478	2117
Belém (AL)	285	285	1373
Belo Monte (AL)	177	93	682
Boca da Mata (AL)	9693	9688	59624
Branquinha (AL)	2338	2338	34654
Cacimbinhas (AL)	1530	700	1494
Cajueiro (AL)	664	664	5027
Campestre (AL)	1384	1384	9227
Campo Alegre (AL)	19905	19905	112711
Campo Grande (AL)	134	131	931
Canapi (AL)	1558	697	1276
Capela (AL)	2377	2377	16594
Carneiros (AL)	2062	697	1601
Chã Preta (AL)	1108	1108	13118
Coité do Nóia (AL)	1347	994	11931
Colônia Leopoldina (AL)	3260	3260	23977
Coqueiro Seco (AL)	68	68	849
Coruripe (AL)	43638	43593	273109
Craíbas (AL)	5599	3869	13515
Delmiro Gouveia (AL)	2242	1102	4207
Dois Riachos (AL)	1415	545	1131
Estrela de Alagoas (AL)	475	260	1302
Feira Grande (AL)	2634	2484	15236
Feliz Deserto (AL)	2265	2265	13595

Flexeiras (AL)	4564	4564	43922
Girau do Ponciano (AL)	10276	7556	37063
Ibateguara (AL)	1842	1842	13755
Igaci (AL)	3830	3530	13478
Igreja Nova (AL)	7068	7068	52917
Inhapi (AL)	3512	1392	5112
Jacaré dos Homens (AL)	334	164	360
Jacuípe (AL)	1583	1583	9000
Japaratinga (AL)	477	477	5835
Jaramataia (AL)	830	410	1654
Jequiá da Praia (AL)	10246	9246	50630
Joaquim Gomes (AL)	2110	2070	31288
Jundiá (AL)	2416	2416	14692
Junqueiro (AL)	11808	11803	72465
Lagoa da Canoa (AL)	4000	3040	19370
Limoeiro de Anadia (AL)	6588	6388	48444
Maceió (AL)	3805	3805	22641
Major Isidoro (AL)	1300	615	1246
Maragogi (AL)	2446	2446	33804
Maravilha (AL)	1350	325	523
Marechal Deodoro (AL)	15094	15094	86025
Maribondo (AL)	152	152	1693
Mar Vermelho (AL)	34	34	265
Mata Grande (AL)	3198	1503	32458
Matriz de Camaragibe (AL)	9080	9080	56057
Messias (AL)	1981	1981	13028
Mínador do Negrão (AL)	480	225	464
Monteirópolis (AL)	425	230	580
Murici (AL)	9425	9425	70602
Novo Lino (AL)	2711	2711	17853
Olho d'Água das Flores (AL)	504	192	1035
Olho d'Água do Casado (AL)	1917	357	768
Olho d'Água Grande (AL)	469	454	1732
Oliveira (AL)	730	355	659
Ouro Branco (AL)	666	98	375
Palestina (AL)	45	21	49
Palmeira dos Índios (AL)	2522	2372	13548
Pão de Açúcar (AL)	3162	1462	4075
Pariconha (AL)	2328	1073	8561
Paripueira (AL)	1618	1618	9816
Passo de Camaragibe (AL)	8547	8547	60562
Paulo Jacinto (AL)	414	414	3051
Penedo (AL)	19307	19307	120685

Piaçabuçu (AL)	40	40	1183
Pilar (AL)	8094	8094	46957
Pindoba (AL)	146	146	2033
Piranhas (AL)	2463	1168	2457
Poço das Trincheiras (AL)	3285	1485	3597
Porto Calvo (AL)	5313	5313	30363
Porto de Pedras (AL)	2508	2508	16574
Porto Real do Colégio (AL)	1820	1820	17987
Quebrangulo (AL)	2210	2210	11398
Rio Largo (AL)	10063	10037	52451
Roteiro (AL)	3481	3481	20433
Santa Luzia do Norte (AL)	504	504	4577
Santana do Ipanema (AL)	4830	2155	4043
Santana do Mundaú (AL)	742	742	9745
São Brás (AL)	642	642	3642
São José da Laje (AL)	16355	16355	93372
São José da Tapera (AL)	4567	2017	3843
São Luís do Quitunde (AL)	16658	16658	107154
São Miguel dos Campos (AL)	22572	22572	130576
São Miguel dos Milagres (AL)	1328	1328	9785
São Sebastião (AL)	7291	7291	63695
Satuba (AL)	1214	1214	7122
Senador Rui Palmeira (AL)	2123	603	1337
Tanque d'Arca (AL)	258	248	2317
Taquarana (AL)	4132	3982	26119
Teotônio Vilela (AL)	17935	17935	199765
Traipu (AL)	4313	2633	14823
União dos Palmares (AL)	1764	1764	26806
Viçosa (AL)	518	518	6003

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal - <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1612>

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Banana (cacho)				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	9022	9016	112404	12467	219962
Agreste Alagoano	625	625	7551	12082	15827
Palmeira dos Índios					
Belém	15	15	195	13000	390
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	1	1	11	11000	28
Mar Vermelho	14	14	161	11500	322
Maribondo	80	80	900	11250	1741
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	240	240	2850	11875	5643
Paulo Jacinto	15	15	225	15000	579
Quebrangulo	120	120	1335	11125	3271
Tanque d'Arca	50	50	700	14000	1260
Arapiraca					
Arapiraca	5	5	65	13000	163
Campo Grande	-	-	-	-	-
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano	2	2	27	13500	56
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	60	60	768	12800	1613
São Sebastião	5	5	60	12000	180
Taquarana	8	8	112	14000	299
Traipu					
Olho d'Água Grande	-	-	-	-	-
São Brás	10	10	142	14200	284
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Castanha de Caju				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	777	777	503	647	2127
Agreste Alagoano	295	295	203	688	841
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	90	90	58	644	232
Igaci	100	100	75	750	300
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	-	-	-	-	-
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	75	75	45	600	203
Paulo Jacinto					
Quebrangulo					
Tanque d'Arca					
Arapiraca					
Arapiraca	7	7	6	857	27
Campo Grande	1	1	1	1000	4
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano					
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	6	6	6	1000	18
São Sebastião	5	5	3	600	17
Taquarana	8	8	7	875	33
Traipu					
Olho d'Água Grande	3	3	2	667	8
São Brás					
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Coco-da-baía*				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	22315	22314	99612	4464	112118
Agreste Alagoano	591	591	3139	5311	3153
Palmeira dos Índios					
Belém	10	10	60	6000	60
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	2	2	12	6000	12
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	50	50	255	5100	306
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios					
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	-	-	-	-	-
Tanque d'Arca	25	25	30	1200	33
Arapiraca					
Arapiraca	10	10	45	4500	50
Campo Grande	5	5	24	4800	25
Coité do Nóia	5	5	30	6000	36
Craíbas
Feira Grande	10	10	60	6000	60
Girau do Ponciano	10	10	45	4500	45
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	70	70	355	5071	426
São Sebastião	365	365	2063	5652	1956
Taquarana	17	17	97	5706	85
Traipu					
Olho d'Água Grande	1	1	5	5000	6
São Brás	11	11	58	5273	53
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Goiaba				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	481	478	4150	8682	12786
Agreste Alagoano	99	99	997	10071	2855
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	11	11	110	10000	220
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	13	13	84	6462	151
Paulo Jacinto	1	1	8	8000	32
Quebrangulo	3	3	12	4000	42
Tanque d'Arca	5	5	35	7000	77
Arapiraca					
Arapiraca	12	12	185	15417	555
Campo Grande	-	-	-	-	-
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	17	17	258	15176	903
São Sebastião	5	5	35	7000	105
Taquarana	32	32	270	8438	770
Traipu					
Olho d'Água Grande	-	-	-	-	-
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Laranja				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	11689	11689	138990	11891	162450
Agreste Alagoano	146	146	1339	9171	1894
Palmeira dos Índios					
Belém	7	7	91	13000	137
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	4	4	36	9000	54
Igaci	5	5	45	9000	59
Mar Vermelho	5	5	37	7400	67
Maribondo	25	25	185	7400	318
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	20	20	180	9000	238
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	20	20	120	6000	180
Tanque d'Arca	20	20	186	9300	242
Arapiraca					
Arapiraca	10	10	140	14000	168
Campo Grande	-	-	-	-	-
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	10	10	126	12600	154
São Sebastião	7	7	75	10714	113
Taquarana	12	12	108	9000	147
Traipu					
Olho d'Água Grande	1	1	10	10000	20
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Limão				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	433	433	2610	6028	5343
Agreste Alagoano	37	37	256	6919	584
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	6	6	36	6000	80
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	2	2	13	6500	23
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	5	5	20	4000	90
Tanque d'Arca	-	-	-	-	-
Arapiraca					
Arapiraca	3	3	24	8000	60
Campo Grande	-	-	-	-	-
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	14	14	120	8571	240
São Sebastião	5	5	30	6000	62
Taquarana	2	2	13	6500	30
Traipu	-	-	-	-	-
Olho d'Água Grande	-	-	-	-	-
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Mamão				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	780	780	18075	23173	34952
Agreste Alagoano	49	49	1212	24735	2618
Palmeira dos Índios					
Belém	1	1	15	15000	30
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	10	10	300	30000	810
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	4	4	65	16250	111
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	-	-	-	-	-
Tanque d'Arca	-	-	-	-	-
Arapiraca					
Arapiraca	5	5	139	27800	348
Campo Grande	-	-	-	-	-
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	5	5	140	28000	280
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	16	16	340	21250	680
São Sebastião	3	3	60	20000	154
Taquarana	5	5	153	30600	207
Traipu	-	-	-	-	-
Olho d'Água Grande	-	-	-	-	-
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Manga				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	1474	1472	12329	8376	22759
Agreste Alagoano	238	238	1807	7592	3262
Palmeira dos Índios					
Belém	5	5	75	15000	120
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	20	20	98	4900	196
Igaci	30	30	210	7000	378
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	30	30	275	9167	335
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	75	75	470	6267	846
Paulo Jacinto	8	8	75	9375	225
Quebrangulo	10	10	87	8700	244
Tanque d'Arca	6	6	30	5000	60
Arapiraca					
Arapiraca	5	5	50	10000	100
Campo Grande	1	1	9	9000	9
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craibas
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	5	5	38	7600	68
São Sebastião	12	12	108	9000	216
Taquarana	8	8	60	7500	96
Traipu					
Olho d'Água Grande	8	8	72	9000	144
São Brás	15	15	150	10000	225
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Maracujá				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	1593	1593	21729	13640	78344
Agreste Alagoano	97	97	1346	13876	5533
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	7	7	71	10143	148
Maribondo	25	25	350	14000	1525
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	-	-	-	-	-
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	13	13	65	5000	325
Tanque d'Arca	-	-	-	-	-
Arapiraca					
Arapiraca	5	5	90	18000	360
Campo Grande					
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	5	5	75	15000	203
Girau do Ponciano	5	5	55	11000	177
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	12	12	200	16667	760
São Sebastião	15	15	270	18000	1350
Taquarana	4	4	52	13000	231
Traipu					
Olho d'Água Grande	2	2	18	9000	54
São Brás	4	4	100	25000	400
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras permanentes - Pimenta-do-reino				
	Área destinada à colheita (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	288	288	633	2198	6175
Agreste Alagoano	11	11	26	2364	229
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	3	3	5	1667	50
Minador do Negrão
Palmeira dos Índios	-	-	-	-	-
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	-	-	-	-	-
Tanque d'Arca	4	4	10	2500	80
Arapiraca					
Arapiraca	-	-	-	-	-
Campo Grande	-	-	-	-	-
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craíbas
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa
Limoeiro de Anadia	-	-	-	-	-
São Sebastião	4	4	11	2750	99
Taquarana	-	-	-	-	-
Traipu	-	-	-	-	-
Olho d'Água Grande	-	-	-	-	-
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Abacaxi*				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	3619	3489	73145	20964	135854
Agreste Alagoano	916	816	18777	23011	36675
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas	-	-	-	-	-
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	4	4	64	16000	192
Minador do Negrão	-	-	-	-	-
Palmeira dos Índios	-	-	-	-	-
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	1	1	20	20000	60
Tanque d'Arca					
Arapiraca					
Arapiraca	330	230	5163	22448	10326
Campo Grande	-	-	-	-	-
Coité do Nóia	135	135	2935	21741	6101
Craíbas	-	-	-	-	-
Feira Grande	1	1	25	25000	75
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa	-	-	-	-	-
Limoeiro de Anadia	350	350	8600	24571	16340
São Sebastião	35	35	720	20571	1456
Taquarana	60	60	1250	20833	2125
Traipu	-	-	-	-	-
Olho d'Água Grande	-	-	-	-	-
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu	-	-	-	-	-

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Amendoim (em casca)				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	2178	2178	5138	2359	27201
Agreste Alagoano	1358	1358	3491	2571	17901
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas	-	-	-	-	-
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	-	-	-	-	-
Minador do Negrão	-	-	-	-	-
Palmeira dos Índios	-	-	-	-	-
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	-	-	-	-	-
Tanque d'Arca	15	15	32	2133	224
Arapiraca					
Arapiraca	90	90	186	2067	1116
Campo Grande	20	20	50	2500	250
Coité do Nóia	2	2	4	2000	20
Craibas	3	3	6	2000	30
Feira Grande	240	240	479	1996	1597
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa	-	-	-	-	-
Limoeiro de Anadia	263	263	618	2350	3399
São Sebastião	350	350	1275	3643	5874
Taquarana	360	360	800	2222	5160
Traipu					
Olho d'Água Grande	15	15	41	2733	231
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

UF, Mesorregião, Microrregião e Município, em ordem de código de Meso e Micro, e nome de Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Batata-doce				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	4316	4312	40494	9391	81477
Agreste Alagoano	1484	1484	13618	9177	27429
Palmeira dos Índios					
Belém	15	15	120	8000	240
Cacimbinhas	-	-	-	-	-
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	7	7	50	7143	83
Maribondo	37	37	285	7703	428
Minador do Negrão	-	-	-	-	-
Palmeira dos Índios	120	120	1200	10000	2160
Paulo Jacinto	120	120	880	7333	1760
Quebrangulo	130	130	1062	8169	2655
Tanque d'Arca	28	28	336	12000	554
Arapiraca					
Arapiraca	250	250	2100	8400	4200
Campo Grande	10	10	96	9600	199
Coité do Nóia	10	10	85	8500	213
Craibas	-	-	-	-	-
Feira Grande	250	250	1753	7012	3506
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa	-	-	-	-	-
Limoeiro de Anadia	180	180	1750	9722	3150
São Sebastião	170	170	2130	12529	4537
Taquarana	130	130	1557	11977	3301
Traipu					
Olho d'Água Grande	7	7	58	8286	111
São Brás	7	7	56	8000	140
Traipu	13	13	100	7692	192

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Fava (em grão)				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	694	690	495	717	3071
Agreste Alagoano	241	241	130	539	633
Palmeira dos Índios					
Belém	5	5	2	400	6
Cacimbinhas	-	-	-	-	-
Estrela de Alagoas	5	5	2	400	6
Igaci	30	30	12	400	72
Mar Vermelho	5	5	4	800	24
Maribondo	-	-	-	-	-
Minador do Negrão	-	-	-	-	-
Palmeira dos Índios	62	62	24	387	115
Paulo Jacinto	-	-	-	-	-
Quebrangulo	80	80	59	738	295
Tanque d'Arca	-	-	-	-	-
Arapiraca					
Arapiraca	30	30	13	433	39
Campo Grande	1	1	1	1000	4
Coité do Nóia	-	-	-	-	-
Craibas	-	-	-	-	-
Feira Grande	-	-	-	-	-
Girau do Ponciano	-	-	-	-	-
Lagoa da Canoa	-	-	-	-	-
Limoeiro de Anadia	-	-	-	-	-
São Sebastião	4	4	2	500	14
Taquarana	15	15	6	400	29
Traipu					
Olho d'Água Grande	1	1	2	2000	11
São Brás	3	3	3	1000	18
Traipu	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Feijão (em grão)				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	34725	19116	13403	701	53850
Agreste Alagoano	9909	7376	6134	832	23975
Palmeira dos Índios					
Belém	95	95	62	653	186
Cacimbinhas	530	250	180	720	900
Estrela de Alagoas	230	100	66	660	257
Igaci	700	600	468	780	1966
Mar Vermelho	5	5	4	800	14
Maribondo	40	40	31	775	155
Minador do Negrão	210	95	75	789	296
Palmeira dos Índios	900	800	700	875	3150
Paulo Jacinto	16	16	15	938	60
Quebrangulo	600	600	720	1200	2736
Tanque d'Arca	80	70	50	714	200
Arapiraca					
Arapiraca	850	850	595	700	1505
Campo Grande	20	17	15	882	66
Coité do Nóia	100	47	35	745	110
Craíbas	55	25	38	1520	125
Feira Grande	40	18	15	833	60
Girau do Ponciano	2000	950	450	474	1530
Lagoa da Canoa	500	240	350	1458	1400
Limoeiro de Anadia	300	300	255	850	969
São Sebastião	400	400	250	625	954
Taquarana	1500	1450	1350	931	5535
Traipu					
Olho d'Água Grande	10	10	6	600	20
São Brás	98	98	74	755	296
Traipu	630	300	330	1100	1485

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Mandioca				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	40093	39950	508652	12732	481656
Agreste Alagoano	14276	14176	191741	13526	112606
Palmeira dos Índios					
Belém	50	50	611	12220	672
Cacimbinhas			-	-	-
Estrela de Alagoas	90	90	930	10333	913
Igaci	300	300	4200	14000	1680
Mar Vermelho	9	9	94	10444	134
Maribondo	51	51	571	11196	742
Minador do Negrão	-			-	-
Palmeira dos Índios	540	540	7015	12991	6173
Paulo Jacinto	25	25	300	12000	409
Quebrangulo	33	33	337	10212	484
Tanque d'Arca	70	70	893	12757	1072
Arapiraca					
Arapiraca	2300	2200	27100	12318	14561
Campo Grande	15	15	130	8667	122
Coité do Nóia	410	410	5163	12593	3583
Craíbas	40	40	438	10950	391
Feira Grande	750	750	8050	10733	3685
Girau do Ponciano	2400	2400	31000	12917	15700
Lagoa da Canoa	600	600	7200	12000	7920
Limoeiro de Anadia	1480	1480	20720	14000	9324
São Sebastião	3200	3200	52800	16500	31946
Taquarana	780	780	10800	13846	4266
Traipu					
Olho d'Água Grande	33	33	289	8758	203
São Brás	250	250	2800	11200	1950
Traipu	850	850	10300	12118	6677

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Melancia				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	1453	1451	29339	20220	34702
Agreste Alagoano	62	62	1310	21129	1585
Palmeira dos Índios					
Belém					
Cacimbinhas					
Estrela de Alagoas					
Igaci					
Mar Vermelho					
Maribondo	4	4	100	25000	110
Minador do Negrão					
Palmeira dos Índios					
Paulo Jacinto					
Quebrangulo					
Tanque d'Arca					
Arapiraca					
Arapiraca					
Campo Grande					
Coité do Nóia					
Craíbas					
Feira Grande					
Girau do Ponciano	4	4	84	21000	126
Lagoa da Canoa					
Limoeiro de Anadia	15	15	375	25000	408
São Sebastião	32	32	620	19375	759
Taquarana	-	-	-	-	-
Traipu					
Olho d'Água Grande	3	3	27	9000	36
São Brás	4	4	104	26000	146
Traipu					

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Milho (em grão) - 2020				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	54308	32443	81642	2516	113493
Agreste Alagoano	21183	14365	37643	2620	52842
Palmeira dos Índios					
Belém	120	120	192	1600	269
Cacimbinhas	1000	450	396	880	594
Estrela de Alagoas	150	65	90	1385	126
Igaci	2000	1800	4400	2444	6160
Mar Vermelho	8	8	8	1000	10
Maribondo	5	5	6	1200	9
Minador do Negrão	270	130	120	923	168
Palmeira dos Índios	900	850	1500	1765	1950
Paulo Jacinto	250	250	314	1256	462
Quebrangulo	1360	1360	3536	2600	4950
Tanque d'Arca	25	25	30	1200	45
Arapiraca					
Arapiraca	285	265	1890	7132	2457
Campo Grande	50	50	145	2900	215
Coité do Nóia	500	200	620	3100	992
Craíbas	3300	1600	4400	2750	7040
Feira Grande	50	22	21	955	29
Girau do Ponciano	2980	1400	4500	3214	6750
Lagoa da Canoa	900	400	1300	3250	1950
Limoeiro de Anadia	2250	2050	3485	1700	4531
São Sebastião	400	400	1200	3000	1800
Taquarana	1100	1000	3350	3350	4255
Traipu					
Olho d'Água Grande	400	385	800	2078	1120
São Brás	280	280	840	3000	1092
Traipu	2600	1250	4500	3600	5869

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

UF, Mesorregião, Microrregião e Município - AL	Produto das lavouras temporárias - Tomate				
	Área plantada (Hectares)	Área colhida (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Rendimento médio da produção (Quilogramas por Hectare)	Valor da produção (Mil Reais)
Alagoas	147	147	8990	61156	30468
Agreste Alagoano	35	35	2294	65543	7848
Palmeira dos Índios					
Belém	-	-	-	-	-
Cacimbinhas	-	-	-	-	-
Estrela de Alagoas	-	-	-	-	-
Igaci	-	-	-	-	-
Mar Vermelho	-	-	-	-	-
Maribondo	-	-	-	-	-
Minador do Negrão	-	-	-	-	-
Palmeira dos Índios	-	-	-	-	-
Paulo Jacinto	3	3	120	40000	360
Quebrangulo	1	1	40	40000	188
Tanque d'Arca					
Arapiraca					
Arapiraca	20	20	1578	78900	5491
Campo Grande					
Coité do Nóia					
Craíbas	1	1	59	59000	177
Feira Grande	3	3	177	59000	708
Girau do Ponciano	2	2	110	55000	357
Lagoa da Canoa	-	-	-	-	-
Limoeiro de Anadia	-	-	-	-	-
São Sebastião	-	-	-	-	-
Taquarana	5	5	210	42000	567
Traipu	-	-	-	-	-
Olho d'Água Grande	-	-	-	-	-
São Brás	-	-	-	-	-
Traipu	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal